

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I nº 07 Brasília, 08 de outubro

Câmara
homenageia
Pompeu de Sousa

Em tempo de Primavera

Rioke lança Cultura Capital

Valéria Velasco
“O medo ameaça o DF”



Succeso editorial

Já em seu sétimo número, com uma tiragem de 3.500 exemplares, o tabloide é alvo de elogios vindos de todo o País e, o que é igualmente significativo, até do exterior, numa demonstração eloquente de que a língua que adotou, a valorização cultural, encontra eco em todos os setores.

Centenas de correspondências elogiando o cunho editorial do "DF Letras" têm chegado à nossa redação. De Santa Maria, no Rio Grande do Sul, à Teresina, além de várias cidades do interior, do Entorno do DF, e até mesmo de Austin, no Texas. O gratificante é descobrir que por este País afora o brasileiro, apesar de toda a crise econômica que angustia o seu cotidiano, continua cultuando o sortilégio das le-

também nos estimulam. Universidades como a do Texas requisitaram todos os números já publicados. Os exemplares do "DF Letras" agora já fazem parte da coleção dedicada aos estudos dos países latino-americanos. No Brasil, além de entidades culturais, várias bibliotecas já recebem o "DF Letras". Em resumo: o nosso suplemento cultural já atravessou fronteiras.

Na condição de associada do Sindicato dos Escritores do DF, entidade a qual pertencemos há vários anos, sentimos que estamos contribuindo decisivamente para o desenvolvimento da cultura em nosso País. Recentemente, aqui mesmo na Câmara, tivemos oportunidade de receber vários representantes do mundo acadêmico de Brasil, que defenderam ardorosamente a consolidação do "DF Letras". Deixamos claro que este é o nosso objetivo. O "DF Letras" veio para ficar.

de uma revisão ampla

Nunca a noção do revisionismo esteve tão em voga no Brasil desde o momento em que a Constituição, em seu artigo 3º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias estabeleceu que sua revisão seria realizada após cinco anos, contados da sua promulgação.

Naturalmente que a noção aqui adotada se refere a seu significado estreito, ou seja, a revisão de uma constituição. Já que em sentido amplo a questão do revisionismo nos remete a um dos momentos mais férteis da teoria e da prática marxista. Isto porque numa sociedade humana, seja ela capitalista ou socialista, há uma propensão do sistema a institucionalizar a mudança perpétua (queira ou não o poder estabelecido) e a criar nas classes sociais o agente de sua própria destruição. Isto, evidentemente, exige que nem a teoria marxista, nem a prática política a ela associada possam tolerar uma atroia que as transforme numa série de axiomas intemporais. Por isso, não nos deve surpreender a sedução polêmica do revisionismo. Lênin reviu Marx. O mesmo fizeram Rosa Luxemburgo, Trotski e Mao Tse-Tung. Mesmo Engels, amigo leal de Marx, foi considerado, por alguns, como "o primeiro revisionista". Em todos, neste caso, subjaz a contradição das forças produtivas e a inevitabilidade da revolução socialista.

Como se vê, a polêmica atual da revisão da Constituição Brasileira, embora não esteja na linha polêmica da teoria marxista, denota uma preocupação histórica cuja palavra nos avoca uma das discussões mais ricas em torno das alternativas: revolução ou reforma.

O Brasil de hoje, de viver uma situação clássica de revolução, embora se viva mais do que indícios de uma guerra civil, enfrenta uma situação tipicamente reformista, nos marcos da tradicional democracia representativa.

H "H
de. S
quiet
Valé
garo
, um
bruti
um
uma
lesce
Bras
E
nhos
to a
idad
a san
rain
E ná
lo. O
da ae
cam
gem
A I
impun
casin
deixa
derri
va Bis
Ap
sua l
do ee

As razões insensatas de uma revisão ampla

Nunca a noção do revisionismo esteve tão em voga no Brasil desde o momento em que a Constituição, em seu artigo 3º do Ato das disposições constitucionais transitórias estabeleceu que sua revisão seria realizada após cinco anos, contados da sua promulgação.

Naturalmente que a noção aqui adotada se refere a seu significado estreito, ou seja, a revisão de uma constituição. Já que em sentido amplo a questão do revisionismo nos remete a um dos momentos mais férteis da teoria e da prática marxista. Isto porque numa sociedade humana, seja ela capitalista ou socialista, há uma propensão do sistema a institucionalizar a mudança perpétua (queira ou não o poder estabelecido) e a criar nas classes sociais o agente de sua própria destruição. Isto, evidentemente, exige que nem a teoria marxista, nem a prática política a ela associada possam tolerar uma atrofia que as transforme numa série de axiomas intemporais. Por isso, "não nos deve surpreender a sedução polêmica do revisionismo. Lênin reviu Marx. O mesmo fizeram Rosa Luxemburgo, Trotsky e Mao Tse-Tung. Mesmo Engels, amigo leal de Marx, foi considerado, por alguns, como "o primeiro revisionista". Em todos, neste caso, subbjaz a contradição das forças produtivas e a inevitabilidade da revolução socialista.

Como se vê, a polêmica atual da revisão da Constituição Brasileira, embora não esteja na linha polêmica da teoria marxista, denota uma preocupação histórica cuja palavra nos avoca uma das discussões mais ricas em torno das alternativas: revolução ou reforma.

O Brasil de hoje, de viver uma situação clássica de revolução, embora se viva mais do que indícios de uma guerra civil, enfrenta uma situação tipicamente reformista, nos marcos da tradicional democracia representativa.

"B
de. S
quiet
Valé
garo
'tum
brut
um
uma
leisce
Bras
É
nhos
to a
idad
a san
ram
E ná
lo. O
da ae
cam
gem
A I
impun
casin
deixa
derru
va Bis
Ap
sua l
do ee



exterior, as correspondências Vice-presidente

- Capa: Rui Faquini
2 - Opinião
3 - Depoimento/ V. Velasco
4 - Depoimento V. Velasco
5 - Meio ambiente/artigo
6 - Meio ambiente/artigo
7 - Primavera/reportagem
8 - Celeiro das Antas
9 - Ryoke Inoue/Entrevista
10 - Ryoke Inoue/Entrevista
11 - Acadêmicos/A. Fischer
12 - Comitê/Fotogaleria
13 - Crônicas
14 - Crônicas
15 - Artigo/P. Bertran
16 - Artigo/P. Bertran
17 - Arte Feia/artigo
18 - Arte Feia/artigo
19 - Modernismo/C. Nunes
20 - Modernismo/C. Nunes
21 - Modernismo/C. Nunes
22 - Modernismo/C. Nunes
23 - Artigos
24 - História Cristã/ensaio
25 - Goiás/artigo
26 - Poemas
27 - Crônicas

tras.
De avtarior 26 correcção dâo aíncor

Rose Mary
Vice-presidente

Maria

Ribeirão Preto — "Que este é o nosso trás" veio para ficar

O Brasil de hoje, de viver uma situação clássica de revolução, embora se viva mais do que indícios de uma guerra civil, enfrenta uma situação tipicamente reformista, nos marcos da tradicional democracia representativa.

Ap-
sua
do es-
tiro

70.000-000 Brasília-DF
Telefone: (061) 347-5128

70.000 Brasília-DF
Telefone: (061) 347-5128

Neste sentido, evitar que da azo à indisciplina e ao desrespeito pelas instituições é uma tarefa democrática que deve caminhar no fio da navalha, considerando os recentes

Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal.
Editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração da Vice-Presidência com a colaboração da Coordenação de Comunicação Social da Presidência.

Vice-presidente: Rose Mary Miranda
Chefe de Gabinete: Sebastião Cunha
Assessores especiais: Chico Nóbrega e Ivan Carvalho.
Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Nelson Pantoja
Programação Visual: Marcos Lisboa e Cláudio de Deus.
Fotografia: João Wesley, Jane Neves e Fábio Rivas

Editor-chefe: Jane Neves | **Língua:** Português

Lentino, Carlos Michiles Ayé-Salassie.
Coordenadoria de Criação: Arthur Gondim
Chefe da Seção Cláudio Lysias
Chefe da Seção de Casas: Luiz Recena.
Chefe de Relações com Adriana Jobim

Composição da Câmara Legislativa do Distrito Federal	
de Divulgação:	Mesa diretora
Relações Públi-	(bônus 93/94)
ca com a Imprensa:	Rose Mary Miranda
o, Donalva Cai-	Vice-presidente
fristina Timponi,	Lúcio Carvalho
Ianini.	Peniel Pacheco
tura gratuita. Os	2º Secretário
enviados para o	Claudio Monteiro
ndo o nome do	3º Secretário
dereço comple-	Agnelo Queiroz
o.	Aroldo Satake
âmara Legislati-	Carlos Alberto
Cláudio Monteiro	Cláudio Monteiro
François Pichot	Eurípedes Camargo
Wim van de Poort	Fernando Naves
	Geraldo Magela
	Gilson Araújo
	Jorge Cauny
	José Edmar
	Lúcia Carvalho
	Odilon Alires
	Manoel Andrade
	Maria de Lourdes Abadia
	Maurílio Silva
	Padre Jonas
	Pedro Celso
	Peniel Pacheco
	Rose Mary Miranda
	Salviano Guimarães
	Tadeu Ronz

episódios provocadores dos grupos de extermínio e a lentidão das respostas do governo atual.

Agr Quer PC

DEPOIMENTO

Brasília está cercada pelo medo

"Brutalidade, covardia, impunidade. Será esta a nova Brasília?". A quietante pergunta é da jornalista Valéria Velasco de Velasco, mãe do garoto Marco Antonio, de 16 anos, "um aquariano alegre e carinhoso", brutalmente assassinado há cerca de um mês pela "Palangue Satânica", numa das inúmeras "gangues" de adolescentes classe média que cercam Brasília de medo.

É sempre bom lembrar: Marquinhos saiu para comprar pão e foi morto a facadas, por 10 garotos de sua idade. Os vizinhos da 316 Norte viraram a sanha delirante dos covardes. Ouviram os gritos lancinantes de sua dor.

E não moveram um dedo para salvá-lo. Optaram por proteger a própria vida acuados atras das grades que cercam seus apartamentos, que os protegem do medo.

A brutalidade, a covardia, o medo, a impunidade ficaram assim como marcas indeleves na consciência coletiva deixadas pelo sangue de Marquinhos derramado no asfalto. Será esta a nova Brasília? Será?

Após o cruel episódio, Valéria, em sua busca por justiça, tem denunciado esta terrível sensação de Brasília viver cercada pelo medo. Neste depoimento emocionado ao "DF Letras", recorda que chegou em 1973. E que ficou encantada com "a sensação de paz transmitida pelas pessoas que descansavam, tranquilamente, nos gramados entre as casas da W3". De

aqui os seus filhos. Vinte anos depois, avô da tragédia que abalou a família que construiu, Valéria ergue sua voz para denunciar o medo que impede Brasília de viver em liberdade. Expõe seus sentimentos, sua dor, na tentativa de sensibilizar a consciência da pessoa comum, das autoridades, sempre em sua busca incessante pelo direito de Brasília ter a liberdade de voltar a viver sem medo. Como era há pouco. Como era em 73. Tudo para que outras maiores não passem pelo que ela passou: a sensação de arrumar o quarto do filho que já morreu (NELSON PANTOJA)



Marquinhos e Valéria: felizes para sempre no álbum de família

Brasília sempre simbolizou, para mim e meus filhos, o novo, a liberdade, a esperança. Especialmente a liberdade, sentimento marcado a partir do impacto dos primeiros contatos com a cidade, quando aqui chegamos, em janeiro de 1973, e nos encantamos com os imensos espaços verdes, com a beleza surpreendente da sua arquitetura, que até hoje nos emociona, com a sensação de paz transmitida pelas pessoas que descansavam, tranquilamente, nos gramados entre as casas da W3.

Neste nosso primeiro ano de Brasília, o primeiro choque: o brutal e cruel assassinato da menina Ana Lídia. O crime abalou toda a população, modificou hábitos das pessoas que até então imaginavam viver numa ilha de tranquilidade, e deixou uma herança perversa na marca da impunidade e no enraizamento da descrença de todos em relação ao funcionamento das nossas instituições. Eram tempos de regime militar, e o sentimento de impunidade da população manifestava-se na velha frase: "Tem filho de gente

importante no meio; nada vai se resolver". Quatro anos depois, nasceu meu quarto filho, o Marquinho, o nosso aquariano alegre e carinhoso, que as minhas três meninas, quando adolescentes, chamavam às vezes, brincando, de meu "épico". Nessa época, os sentimentos de esperança e de liberdade se reavivavam na cidade com o início da abertura política e dos movimentos de reconquista dos direitos políticos e da cidadania. Brasília foi assumindo novos ares e novas energias

Revisão constitucional

**Agnelo Queiroz
PC do B**



Sempre defendemos a autonomia política e financeira do Distrito Federal. A autonomia política, resultante do processo de democratização do Estado brasileiro e de uma intensa movimentação da sociedade brasiliense, já está consolidada com a recente promulgação da Lei Orgânica do DF, que é a nossa Constituição. A independência financeira, bem mais complexa, envolve a interação de iniciativas de peso, como a implementação de um amplo processo de industrialização, ainda enfrenta dificuldades.

Ora, a revisão constitucional foi convocada para discutir temas bem mais

gerais. Pode ser até que venha contemplar questões localizadas, como é o caso da autonomia financeira do DF. Se isso for feito, nós estaremos lá para referendar as propostas de interesse do Distrito Federal. O que não aceitaremos é utilização da questão da isonomia, que é um consenso para todos nós, para propagar a revisão constitucional.

No nosso entendimento, a revisão constitucional é hoje o grande projeto da burguesia, dos banqueiros, dos donos das escolas privadas, do capital estrangeiro. Com a revisão, não temos dúvida, esses grupos tentarão implementar o projeto neoliberal e destruir o Estado nacional.

Na sua alça de mira estão o fim do monopólio estatal do petróleo, das telecomunicações, da mineração. Eles sonham também com a privatização da saúde, da educação e até da previdência social.

Por isso, somos contra a revisão. Se esse processo for mesmo irreversível, lá estaremos para defender todas as conquistas sociais, políticas e econômicas existentes no atual texto constitucional. Assim, como defendermos todas as iniciativas em defesa da emancipação financeira do DF.

**Aroldo Satake
PP**



Na Carta Magna de 1988, os Constituintes cuidaram, num breve artigo com três parágrafos, somente da vedação de sua divisão em Municípios, da sua redenção por uma Lei Orgânica, das atribuições da competência legislativa, da eleição do Governador e do Vice-Governador, do mandato dos Deputados Distritais e da utilização pelo GDF, das Polícias Civil e Militar e do Corpo de Bombeiros Militar. Esqueceram completamente da autono-

mia financeira do Distrito Federal. Esqueceram que Brasília, como sede do Poder, hospeda cerca de 60% da população oriunda da esfera federal; que somente o IPTU da Praça dos Três Poderes, se cobrado, daria para saldar grande parte de nossas despesas; que o Distrito Federal como gerador líquido de recursos para a União, arrecada cerca de US\$ 2 bilhões e recebe, via fundos vinculados, perto de US\$ 100 milhões; esqueceram, por fim, que o DF não tende estrutura de Estado acaba sendo a unidade que menos recebe do Fundo de Participação. Faz-se necessário que os congressistas, na revisão constitucional, corrija esta distorção, de modo que o DF tenha uma participação mais efetiva no FPE e possa cumprir de forma mais fidedigna com suas funções nacionais.

"No Estatuto do Menor não existe a palavra dever. Só direitos. É a impunidade consagrada em lei".

Valéria Velasco

Revisão constitucional

**Benício Tavares
PP**



A revisão constitucional, vem causando uma polêmica grande, de como deveria ser feita e conduzida. Como presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, acompanha esta discussão, de modo a tornar presente a defesa dos principais interesses de nossa cidade.

Tenho estado atento as discussões, procurando delinear o momento certo para a Câmara manifestar-se a respeito, e buscar uma proposta de consenso, livre de preconceitos políticos e ideológicos, mas sim imbuídos exclusivamente do bem estar de nossa cidade e de suas reais necessidades. Acredito ser necessário uma reavaliação da situação de Brasília no que diz respeito as transferências orçamentárias para nossa cidade. Precisamos garantir o repasse federal para as áreas de educação e saúde, assim como a participação do DF no fundo de participação dos Estados. Para evitar que fiquemos constantemente com o pires na mão, dependendo sempre da boa vontade do governo federal.

O Distrito Federal é a capital do país, é uma unidade da federação sui generis, cheia de singularidades que precisam ser levadas em conta, de modo a garantir, além da autonomia política, a autonomia financeira da capital. Nesse sentido acho importante a revisão destes tópicos na Constituição, bem como a regulamentação de contas em 88 e ainda não regulamentados. De outra parte sou contra uma revisão ampla que possa alterar as conquistas sociais, tão importantes e tão bem colocadas na constituição federal.

□ Gustavo Souto Maior

O meio ambiente na Lei Orgânica

O Distrito Federal já possui uma Lei Ambiental moderna, fruto da análise e da discussão envolvendo diversos órgãos da administração local. Merceu atenção especial dos deputados distritais

Com certeza, o capítulo **Do Meio Ambiente** foi dos mais discutidos no processo de elaboração da Lei Orgânica.

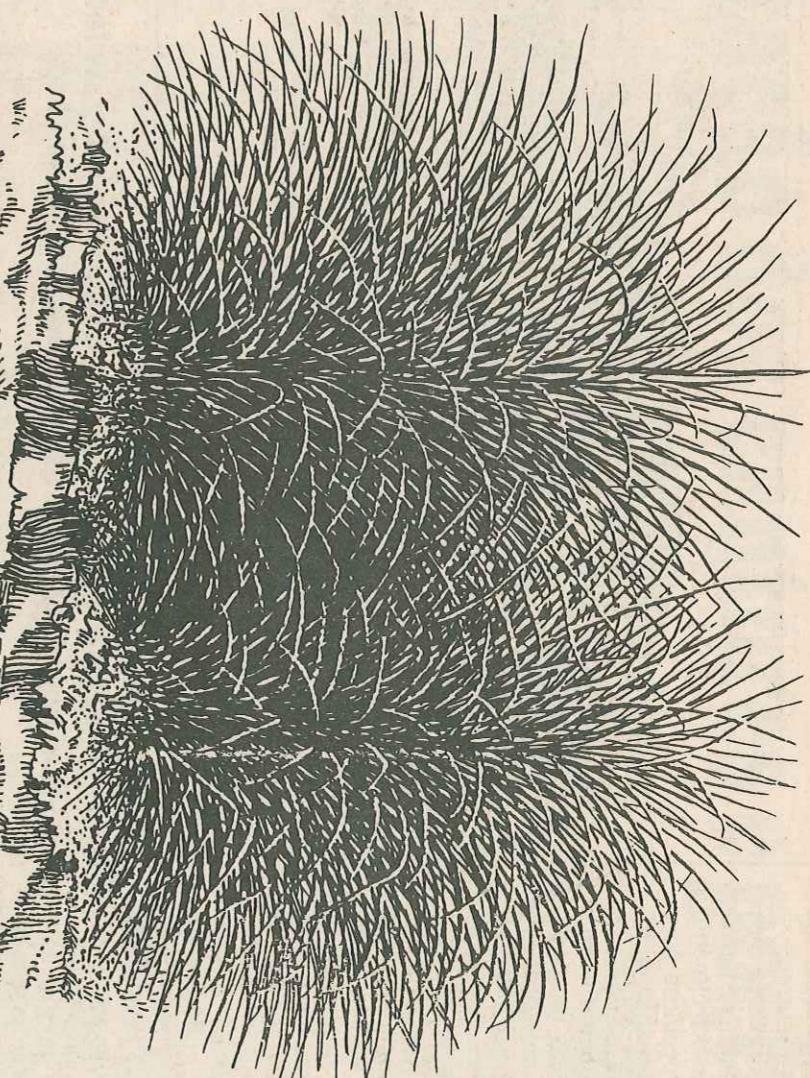
Materia apixonante, e que tem uma íntima relação com o futuro do Distrito Federal, foi objeto de uma atenção especial por parte de diversos parlamentares, que apresentaram uma grande quantidade de artigos, emendas e des- taques.

O Distrito Federal já possui uma Lei Ambiental moderna, fruto da análise de legislações de outras Unidades da Federação e da discussão envolvendo diversos órgãos da Administração Pública local. A Lei 41, de 13 de setembro de 1989 — Lei da Política Ambiental do Distrito Federal — é considerada um modelo em todo o País, dado o seu avanço em diversos aspectos da questão ambiental. E foi adotada como referência na discussão do capítulo do Meio Ambiente na Lei Orgânica, de forma a não se aceitar nenhum retrocesso. Pelo con-

A autonomia financeira do Distrito Federal vira a partir da execução de um projeto sério de desenvolvimento econômico. Essa é a opinião do Deputado Distrital Carlos Alberto, do PP/SDF. O Deputado diz que a Câmara Legislativa precisa se articular, também, para garantir, durante a revisão constitucional — se ela for confirmada pelo STF — a manutenção dos repasses de verbas da União para o Distrito Federal.

Por determinação constitucional, as despesas do Distrito Federal com saúde, educação e segurança pública são custeadas pelo governo federal. Vários pareceres do Tribunal de Contas do DF e o Balanço da Administração Centralizada mostram, entretanto, que esses recursos têm sofrido reduções drásticas nos últimos três anos.

— A qualidade dos serviços de saúde, educação e segurança oferecidos pelo GDF é cada dia menor por causa da falta de dinheiro... Mas, ao mesmo em que lutamos pela manutenção das transferências de verbas federais é preciso trabalhar para que esses recursos representem uma fatia cada vez menor no orçamento do DF. Isso só vai ser conseguido quando tivermos um governo preocupado com o desenvolvimento do DF, explica Carlos Alberto.



to, problemas sérios de poluição, causada pela descarga de esgotos domésticos e industriais, contaminação por agrotóxicos e diversos tipos de lixo, assoreamento devido às erosões e diminuição dos volumes de água, em função de desmatamentos e da impermeabilização do solo. Essa é uma realidade que exige maiores cuidados e atenções para o recurso natural “água”.

Entre outros dispositivos relativos aos recursos hídricos, destacamos como inovações os artigos 282 e 283. O primeiro determina que a gestão do sistema de gerenciamento de recursos hídricos a partir de agora cabe ao órgão ambiental — a SEMATEC. Já o artigo 283 fixa que o órgão ambiental deverá divulgar, a cada semestre, relatório de qualidade da água distribuída à população. Isso vem corrigir uma anomalia até então existente no Distrito Federal, que

era a própria empresa responsável pela produção e distribuição — no caso a CAESEB — ser também responsável pela qualidade da água. Em todos os grandes centros do País, aquelas atividades são realizadas por órgãos distintos. Podemos citar, por exemplo, o Estado de São Paulo, em que a SABESP produz e distribui a água para consumo humano, enquanto a CETESB — órgão ambiental de SP — fiscaliza a sua qualidade, divulgando periodicamente o “Relatório de Qualidade de Água para Consumo Humano no Estado de São Paulo”, classificando os municípios paulistas com ba-

se no índice de Qualidade das Águas para Consumo — IQUAC. Na Lei Orgânica essa questão foi resolvida de forma adequada. O estabelecimento de diretrizes específicas para proteção de mananciais hidráulicos, a formulação de planos de gerenciamento, uso e ocupação de áreas de drenagem de bacias hidrográficas, enfim, o gerenciamento do sistema dos recursos hídricos, ficará a cargo do órgão ambiental. Além disso, pela primeira vez será divulgado à população um relatório periódico sobre a qualidade da água distribuída para consumo, elaborado por entidades independentes da CAESEB.

Outro dispositivo que apresenta um grande avanço, e que não consta em nenhuma Constituição estadual ou Lei Orgânica no Brasil, é o artigo 310. Ele define que a sociedade civil poderá apresentar amostras de substâncias suspeitas de potencial poluidor, para serem submetidas à análise em laboratórios mantidos pelo Poder Público. O resultado das análises físicoo-químico-biológicas serão públicos. Sem dúvida, trata-se de norma muito importante, pois permite a participação ativa da população na fiscalização da qualidade de produtos e dos recursos naturais. O direito de informação segundo o jurista Paulino Affonso Leme Machado, "é pedra basilar para o exercício de uma política de meio ambiente independente e atuante". A Lei Orgânica, além de determinar a publicidade dos resultados, fixou a responsabilidade do Poder Público em dispor dos instrumentos ne-

cessários para atendimento e análise das substâncias encaminhadas pelos cidadãos. Com o mesmo objetivo de facilitar a participação da sociedade na discussão de empreendimentos ou atividades causadoras de impactos negativos ao meio ambiente, está o artigo 289. Nele definiu-se o prazo mínimo de trinta dias em que os estudos prévios de impacto ambiental — conhecidos da população como RIMAS — ficarão à disposição do público, antes da realização da obrigatoriedade da audiência pública. Uma das razões desse dispositivo foi o estudo de impacto ambiental da obra do metrô. Apesar de ser o estudo ambiental da

O artigo 283 fixa que o órgão ambiental deverá divulgar, a cada semestre, relatório de qualidade da água distribuída à população



mais importante obra já projetada desde a construção de Brasília, o RIMA do metrô ficou à disposição do público por apenas 17 dias antes da audiência pública. Em se tratando de trabalho de mais de 600 páginas, deve-se imaginar a dificuldade de qualquer cidadão para examiná-lo em

prazo tão exiguo. Na realidade, o público interessado em qualquer projeto, que não necessariamente é composto por especialistas em meio ambiente e não pode dedicar tempo integral à análise, necessita de um período mínimo de trinta dias para o exame. E a Lei Orgânica foi sensível a isso.

Determinação de suma importância foi a proibição da instalação de depósitos de resíduos tóxicos ou radiativos de outros estados e países, conforme estabelece o artigo 308. Este é um problema seriíssimo, e que não foi resolvido a contento em nenhum lugar do mundo. Ninguém quer viver perto de substâncias tóxicas, ou que emitem radiações, em muitos casos por centenas de anos. Não é a toa que os Estados Unidos vão gastar mais de 100 bilhões de dólares nos próximos 20 anos com o lixo atômico, pesquisando e tentando criar formas de disposição adequadadas, até hoje não encontradas. Além da não solução do destino do lixo tóxico produzido aqui mesmo no Brasil, existe a pressão de países do Primeiro Mundo para exportarem os seus lixos. Há pouco

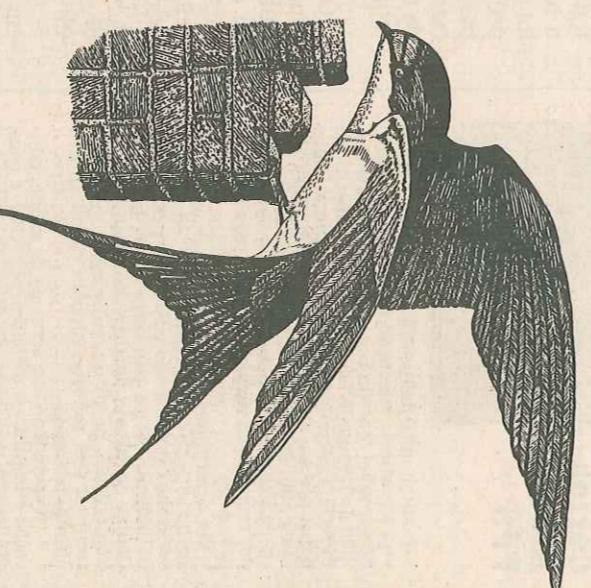
tempo atrás foi denunciada a tentativa de um consórcio internacional de implantar em Pernambuco uma refinaria de "reciclagem", de resíduos industriais de países do Primeiro Mundo, que recebeu o repúdio de mais de 800 entidades ambientalistas de 148 países, reunidas no final do ano passado em Paris. E a Greenpeace americana divulgou recentemente um documento onde relaciona cerca de 500 empresas, a maioria dos EUA, que se dedicam ao transporte de lixo, e de 1000 casos de ofertas para construção de instalações para "reciclar" lixo com origem nos países desenvolvidos. A sofisticação da indústria do lixo chegou ao ponto de promover um verdadeiro comércio internacional de resíduos tóxicos e, por-

restando, indesejáveis. É uma pressão econômica muito forte. Daí a importância do que foi definido na Lei Orgânica em relação a esse assunto. É uma questão que merece toda a nossa atenção e cuidados redobrados. Com essa mesma preocupação, a Lei Orgânica vedou a fabricação, comércio, utilização e utilização de equipamentos e instalações mudadas a pesquisa científica e a uso terapêutico, que dependem de licença ambiental.

Finalmente, o artigo 26 do Ato das Disposições Transitórias determina a realização do zoneamento ecológico-econômico do território do Distrito Federal, no prazo de 24 meses e com a participação de órgãos representativos da comunidade. Este é um estudo de fundamental importância para o planejamento futuro do Distrito Federal. Será a primeira vez em que o componente econômico será estudado conjuntamente com o ambiental, em um trabalho envolvendo todo o DF.

Estes são comentários sobre alguns dos principais dispositivos da Lei Orgânica relativos ao Meio Ambiente. Na realidade, são 34 artigos e vários parágrafos e incisos, que espelham uma grande preocupação com a matéria. E não poderia ser diferente. O Distrito Federal, com suas características singulares, e por abrigar Brasília — Patrimônio Cultural da Humanidade — deve ser um espaço modelar, exemplo de respeito à Natureza.

Gustavo Souto Maior é Chefe de Gabinete do Dep. Carlos Alberto e membro do Conselho de Política Ambiental do DF.



Ficou definido o prazo mínimo de 30 dias em que os estudos prévios de impacto ambiental — conhecidos da população como RIMAS — ficarão à disposição do público

O artigo 26 do Ato das Discussões do zoneamento ecológico-econômico do DF num prazo de 24 meses



Primavera: estação dos cantores e poetas

Zínia Araripe
jornalista

A primavera, como um dos quatro períodos em que é dividido o ano pelos equinócios e solstícios, na prática não existe no Brasil. Mas, em Brasília, essa fase do ano, bem caracterizada em outros países, adquire um pouco dos tons da estação preferida dos cantores e poetas. É a época em que começa a chover, depois da seca de rachar os lábios, fazer arder olhos e garganta e entristecer o coração, no compasso da paisagem cintzenta e do calor que convida ao recolhimento e à modorra.

Do latim **primo veré** (começo do verão), a primavera começa oficialmente em 22 de setembro e termina em 20 de dezembro. Sucedendo ao inverno, que por sua vez enterra o outono, estação associada à idade avançada — quem não ouviu a expressão "anos outonais"? — e ao contrário desse, é vinculada poeticamente ao viço da juventude. Não é à toa que se diz da debutante que ela acaba de completar 15 primaveras.

Na Capital Federal, a prima-

vera chega na esteira das primeiras chuvas de setembro, que varrem os últimos vestígios da poeira avermelhada e devolvem o verde aos vastos gramados e milhares de árvores, plantadas para atenuar a aridez desse pedaço de chão antes da construção de Brasília.

E foi para atenuar a aridez do Planalto Central que Brasilândia acabou se transformando em exemplo mundial de aplicação das técnicas de arborização e floricultura. Pra não dizer que não falamos de flores, o produto mais típico da

primavera, nos últimos dois anos a cidade plantou uma flor para cada brasileiro, o que totaliza cem milhões de zíniás, petúniás, bocas-de-foca, verbemas e outras, aéreas, zentais, petúniás, bocas-de-foca, verbemas e outras, aéreas,

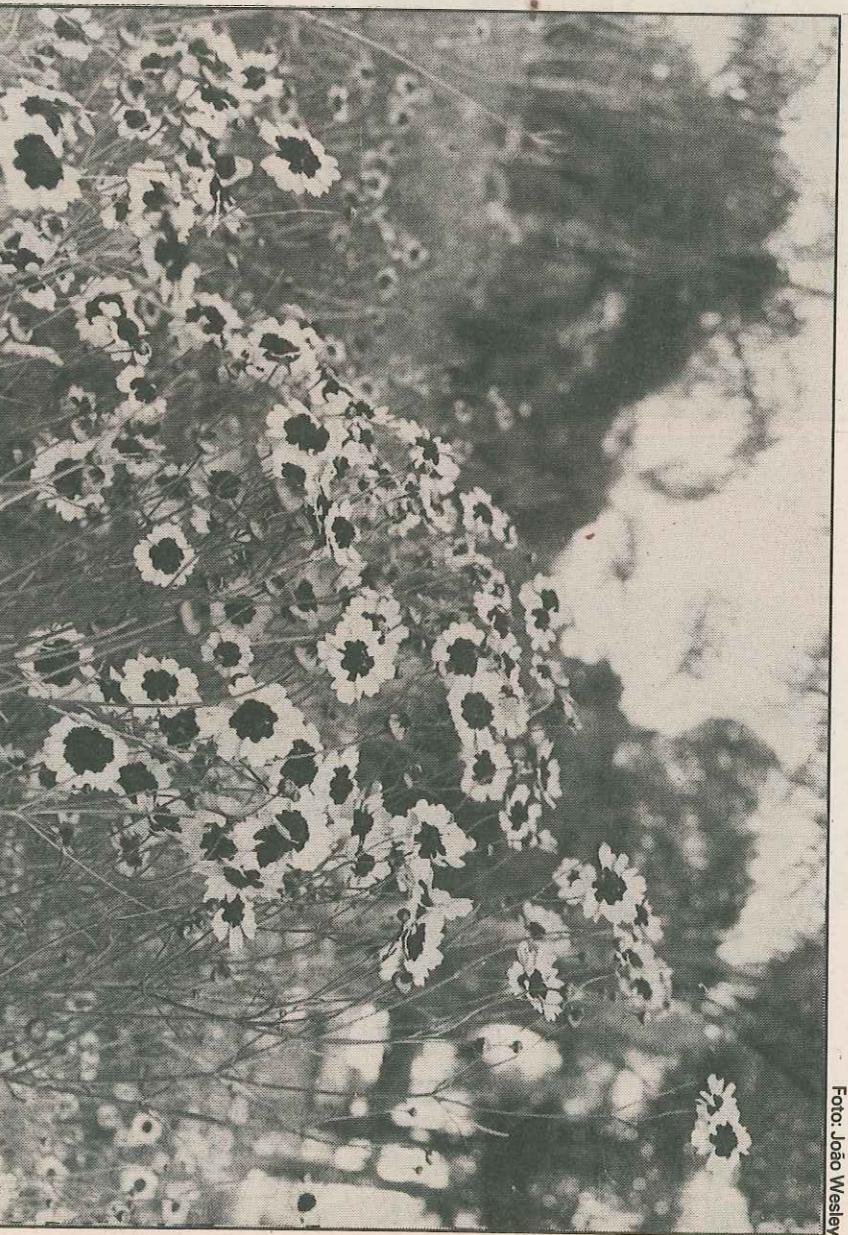
ao, verbemas e outras, aéreas, fios.

O diretor do Departamento de Parques e Jardins da Novacap — o órgão responsável pelo verde da cidade e pelo colorido das flores —, Ozanan Correa Coelho, não gosta de falar em primavera, segundo ele mais um conceito cultural que importamos da Europa, sem correlato no nosso clima tropical.

Mas é inegável o aspecto primaveril de Brasília durante todo o ano. É, inclusive, durante a seca, quando o verde das árvores e dos gramados dá lugar a variados tons de cinza, que as flores ganham um viço especial, o que é explicado pela adaptação das espécies escolhidas ao nosso clima desértico.

Quando vêm as primeiras chuvas, então, a cidade floresce por inteiro. É quando, também, as cigartras eclodem, de sua vida latente, enterradas o resto do ano no solo sob a forma de pupa, para se acasalarem e perpetuarem a espécie em meio a uma cantoria que não escolhe hora e só chega aos nossos ouvidos graças ao verde que invade a área urbana.

Diferente das flores, as árvores plantadas em Brasília não são espécies importadas de outras paragens, mas produtos típicos do cerrado: ipês amarelos, brancos e roxos, guaraimeiras, jequitibás do cerrado, aroeiras. Espécies escolhidas, segundo Ozanan Coelho, para que as árvores da cidade se harmonizem com o ecossistema que viceja ao seu redor.



Em Brasília, entre zíniás e petúniás, existe uma flor para cada brasileiro

Câmara planta seu bosque

A Câmara Legislativa do DF acaba de dar uma contribuição bem própria para o verde de Brasília, além dos inúmeros projetos de lei criando parques ecológicos ou tratando da preservação do meio ambiente.

No dia 22 de setembro, primeiro dia da primavera, a presidente interina da Casa, Rose Mary Miranda, assinou um ato da Mesa Diretora criando o "Bosque dos Distritais", inspirado no já existente "Bosque dos Constituintes". Cada deputado distrital plantará, mensalmente, uma

árvore na área que cerca o prédio da Câmara, já bem dotada em matéria de verde.

No mesmo dia, o Secretário de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia do DF, Paulo Timm, promoveu o tombamento de uma imponente espécie vegetal que margeia a rampa de acesso ao plenário da Câmara Distrital. Trata-se de uma gommiera (Vochysia Thysoides Pohl), árvore típica do cerrado que pode atingir 10 metros de altura e de cuja

raiz se faz um vinho bastante apreciado pelos goianos. A partir de agora, a até então ignorada gommiera, também conhecida como pau-de-tucano e arvore do vinho, servirá de referência para os planos de educação ambiental sobre o cerrado, junto com outras 12 espécies tombadas pelo patrimônio ecológico do DF. Quando se perfura seu tronco, ela asperge um líquido amarelo ou avermelhado empregado ainda nas afecções do aparelho respiratório e utilizado pela indústria extractiva do Centro-Oeste.

Revisão constitucional

Cláudio Monteiro
PDT



A Constituinte foi solidária com Amapá e Rondônia, quando os emancipou, e Tocantins, então criado, cometendo à União as despesas pela manutenção dos primeiros e os débitos pelos empreendimentos feitos por Goiás na área do último. Na revisão constitucional, precisa ficar bem claro este conceito de solidariedade nacional, ai considerada a situação do Distrito Federal. Afinal, como o nome indica, este não interessa apenas aos brasileiros, mas a todos os brasileiros.

A análise que a Constituinte fez do Distrito Federal ficou somente nos limites da sua autonomia, ali con-

Edimar Pirineus
PP



A autonomia financeira do DF na revisão constitucional. O processo de revisão constitucional previsto para ser desencadeado brevemente, representa uma oportunidade ímpar para se repararem os prejuizes acarretados ao Distrito Federal pelos atuais mecanismos de arrecadação e transferência tributárias, que colocam a Capital Federal em posição de evidente desvantagem face as demais unidades da Federação.

A esse respeito, é importante des-

tacar que o Distrito Federal gera um significativo volume de recursos fiscais, através de um processo produtivo gerador de rendas que, somente no ano de 1990, por exemplo, resul-

tou na arrecadação de quatro bilhões de dólares, total equivalente ao PIB da Bolívia. Apesar do expressivo volume de recursos arrecadados, o Distrito Federal padece de uma crônica falta de recursos e ainda é acusado de dependente da União, como se um peso fosse.

Esta falta de recursos tem uma razão única: o injusto sistema de repasse, que não permite ao DF receber a quota a que deveria fazer jus, proporcionalmente ao valor da sua arrecadação e às suas funções de Capital Federal e de sede de Patriarmonio tombado pela humanidade. Como não tem estrutura de estado, o DF, pela atual Constituição, é uma União menos aquinhoadela pelos Fundos de Participação dos Estados e Municípios, ficando a quase totalidade dos recursos que arrecada em poder da União.

É preciso, pois, sanar esse desequilíbrio no processo de revisão constitucional, para permitir que a economia produtiva, possa aplicar os resultados da sua arrecadação em benefício da sua população.

Foto: João Wesley

Câmara inaugura comitê e fotogaleria

Sala de imprensa homenageia Pompeu de Sousa

O comitê de imprensa da Câmara ganhou o nome de Pompeu de Sousa e, sua inauguração (10/9), a marca do combativo jornalista e político: a paixão. Uma rápida amostragem: o jornalista Mário Garofalo, que o conhecia desde 1946, pediu a palavra e não concluiu o discurso, tomado pela emoção. Pompeu foi homenageado pelo jornalista que foi, especialmente, por sua luta pela representação política de Brasília.

Apesar de conhecer a aversão do ex-senador por homenagens solenes, a deputada Rose Mary Miranda, autora do projeto de resolução que deu nome ao comitê, justificou sua proposta: "A admiração pela combatividade é vitalidade com que ele se dedicou às causas públicas não poderia passar em branco".

A cerimônia, propositalmente marcada para o Dia da Imprensa, lotou o comitê. Estiveram lá a viúva do senador, Otilia, e seus filhos Roberto e Ana Lúcia, além de autoridades do governo, como o secretário de Obras José Roberto Arruda, deputados federais, como Sigmarinha Seixas (PSDB/DF), e muitos distritais.

Aberta a cerimônia, seguiram-se vários discursos, todos guiados pela emoção apelo de que o sonho de liberdade de Pompeu de Sousa seja o parâmetro maior para o trabalho dos jornalistas responsáveis pela cobertura da Câmara.

Sigmarinha tentou definir o modo de ser apaixonado de Pompeu, frizando que sua paixão maior, talvez a única maior que a por dona Otilia, foi a liberdade. Paião que, para o deputado federal, levou Pompeu a se engajar de modo absoluto na luta pela autonomia política do DF.

O presidente da Câmara,



**22 de setembro:
Benício e deputados
inauguram a fotogaleria**

10 de setembro: a deputada Rose Mary Miranda discursa na inauguração do comitê

Um jornal que é "Dito e Feito"

Os servidores da Câmara conquistaram um espaço com a cara da Casa, democrático, para se manifestar: é o jornal Mutual "Dito e Feito". O jornal, localizado entre as agências do BRB e a Caixa Econômica instaladas na Casa, foi criado para proporcionar um espaço ágil, dinâmico e exclusivo de comunicação dos servidores.

Seu formato democrático começou com a escolha do nome, por concurso. O Setor de Assistência Social, responsável por sua edição, recebeu 156 sugestões, e a Comissão Julgadora escolheu "Dito e Feito", apresentado pelo servidor Sebastião Teixeira Gomes, do Gabinete 3.

O jornal, de fato, tem a cara de um jornal. Na seção de talentos os servidores podem se expressar com mais liberdade e a Casa pode descobrir seus poetas, críticos de arte e outros, como os chama o "Dito e Feito", talentos. Foi nesta seção que a Casa descobriu o crítico de cinema Noé Stanley Gonçalves, assessor legislativo da Comissão de Assuntos Sociais. (Texto ao lado)

O jornal é editado às quartas-feiras, pelo pessoal do Setor de Assistência Social, e quem quiser publicar seus trabalhos deve atender ao seu horário de fechamento, levando o material até as manhãs de terça-feira. Não ha burocracia. O material pode ser levado diretamente a Leda Rebelo Nasser, a editora, que atende no ramal 117.



Servidores da Câmara mostram o jornal mural

□ Crítica de cinema

"Traídos pelo desejo",

Noé Stanley Gonçalves

Fergus (Stephen Rea) é um militante do IRA (Exército Revolucionário Irlandês) encarcerado de sequestrar o soldado negro Ingles Jody (Forest Whitaker), a fim de trocá-lo por um militante do IRA preso pelos ingleses. Jude (Miranda Richardson), amante de Fergus, ajuda-o a atrair e prender Jody. Durante o cativeiro desenvolve-se entre o dois homens uma sólida e desesperada amizade. Em seus tensos diálogos, enquanto espera a morte, Jody conta a Fergus a fábula da rã e do escorpião, para dizer que "as pessoas simplesmente fazem aquilo que é de sua natureza fazer, não importa como elas se expliquem, não importa o que digam", nas palavras do próprio diretor do filme, o irlandês Neil Jordan. E, num gesto de confiança na boa natureza de seu carcereiro, Jody lhe fala de sua namorada, Jill (Jaye Davidson) e lhe pede que cuide dela. Esta misteriosa figura é tão presente para Jody, que acaba fascinando Fergus.

A partir deste núcleo dramático, o diretor constrói magistralmente uma trama que envolve e seduz também os espectadores, explicitando as ambiguidades das relações políticas, sexuais e raciais, sem cair no maniqueísmo simplista entre bem e mal.

Noé Stanley Gonçalves - Assessor Legislativo - CAS

Filme que fascina e incomoda o espectador que se coloca nos conflitos das próprias personagens, porque coloca em questão se a linha que divide as pessoas passa pelas diferenças entre concepções políticas, nacionalidades, raças ou sexos, ou entre as pessoas generosas e solidárias e as pessoas mesquinas e egoistas. E, apesar da aparente simplicidade da fábula, o autor dá a entender que a nossa verdadeira natureza só se revela quando temos de enfrentar os conflitos de liberdade e decidir sobre nossa vida e a dos outros.

Sobre o mistério da identidade de Jill e o desenlace surpreendente da trama é melhor deixar para você conferir. Neil Jordan já nos encantou com "Na Companhia de Lobos", uma reelaboração onírica do Chapeuzinho Vermelho e do despertar sexual na adolescência, com seu edipiano "The Miracle" e com o invulgar e pouco conhecido "Mona Lisa". Agora nos encanta com esta nova abordagem do tema do amor inadequado e da fascinação por este obscuro objeto de desejo.

Afinal, profundidade não é sinônimo de tédio.

Vale a pena ver, curtir e discutir.

Revisão constitucional

Eurípedes Camargo-
PT



A autonomia política conquistada pelo Distrito Federal, com a eleição direta para governador e a criação da Câmara Legislativa, formou na população a expectativa de que importantes mudanças ocorreriam rumo à autonomia financeira. Durante a elaboração da Lei Orgânica, essa expectativa foi em grande parte desfeita com a derrota da proposta de eleições diretas para as administrações regionais, passo importante para a municipalização do DF e condição essencial para nossa autonomia econômico-financeira.

O Distrito Federal vive hoje uma realidade ambígua. Apesar da Constituição de 1988 ter dado ao DF autonomia idêntica a dos demais Estados da Federação, como um Bastião, o Distrito Federal ainda depende das transferências diretas feitas pela União, que se referem a uma parte devida na arrecadação tributária do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados, não repassada na alíquota atual do DF no Fundo de Participação dos Estados e na ausência de participação de suas regiões administrativas no Fundo de Participação dos Municípios. A quota de participação é, portanto, insignificante, sujeitando o Distrito Federal a uma situação humilhante de dependência do Executivo federal, com reflexos diretos nos serviços públicos de saúde, segurança e educação.

Fernando Naves-
PP



A transferência de recursos da União para o Distrito Federal é uma ação lógica que deve ser mantida na revisão constitucional, como forma de preservar a integridade econômica do DF, Capital da República.

Brasília tornou-se uma cidade atípica, apontando o Poder Público Federal, as representações dos Estados, os organismos internacionais e amigos a abriga e atende habitantes de outras Unidades da Federação. Todo este acúmulo numa cidade que não é auto-suficiente e que não foi projetada para tal. Se a União não manter o acordo que vem honrando há anos, a cidade corre o risco de não sobreviver.

O que nos causa estranheza maior é que Brasília paga pela falta de assistência dos demais estados, como já constamos anteriormente, mas é conhecida como "a capital da impunidade", talvez por não cobrar das outras localidades o que seria merecido. É uma situação, no mínimo, antagônica.

A solução para alcançarmos a nossa independência é a implantação de indústrias no poluentes, setorizadas nas cidades-satélites, de forma a dar autonomia a todas e cada uma delas. Mas este processo, como ocorre em todas as metrópoles, é lento e gradual e Brasília não poderá ser punida com um corte abrupto de recursos, na revisão constitucional.

Entrevista/Ryoki Inoue

le já escreveu mais de 1000 livros. Autor mundialmente consagrado, figurando no Guinness Records, o "livro dos recordes", como o escritor que mais publicou romances em todo o mundo, Ryoki Inoue, paulistano de Vila Mariana, decidiu morar em Brasília. Veio "buscar as coisas na fonte" para a nova linha mística-filosófica que passou a adotar.

"Brasília é isso" — observa. Ryoki já entrou no mercado japonês — escreve para a colônia brasileira — e pretende entrar firme no mercado norte-americano.através de sua editora Brigitte, já instalada em Brasília, vai lançar a revista **Cultura Capital** dedicada a revelar a verdadeira cultura contra as manifestações "pseudo-culturais" que existem por aí. A revista sai em outubro.

Brasília é fonte de inspiração

NELSON PANTOJA

Jornalista

O que o motivou a morar em Brasília?

Foi uma linha de livros esotericos que comecei a desenvolver no ano passado. Em julho, agosto, com o romance a "Bruxa". É uma linha que não tem nada com o estilo do Paulo Coelho.

O que diferencia o seu trabalho da linha do Paulo Coelho?

O Paulo Coelho escreve e faz considerações a respeito da linha mística-filosófica. Eu não. Eu simplesmente escrevo narrando, descrevo uma estória onde acontecem algumas coisas místicas, espiritualistas ou espirituistas, alguma coisa assim... O segundo livro da série que eu lancei aqui em Brasília chama-se "O Nome não importa"...

Quando foi o lançamento?

Foi em agosto. Dia 24. Este livro é uma aventura de um escritor cartesiano, bastante céitico, pé-no-chão, meio materialista até, que vive uma experiência espiritualistas. Bem voltada, no caso, para o kárdeismos. No livro "A Bruxa" o contexto é mais no âmbito da demonologia. O terceiro livro da série deve sair ainda este ano. Vai se chamar "O Men-sageiro". E um livro que fala

sobre supostos seres extraterrestres que podem ser verdadeiramente os espíritos dos que ficaram aqui. A ideia, enfim, é polemizar um pouco o conceito padrão espiritualista de jogando algumas coisinhas de ficção científica. Não será um livro de ficção científica, de jeito nenhum, embora possa até ser visto por este ângulo. Estou pesquisando algumas coisas bastante interessantes nesta área, inclusive um relatório da Nasa de 72.

E Brasília, pela fama de Capital de Terceiro Milênio, é o local ideal para você desenvolver estes trabalhos?

Brasília, além de tudo, é uma cidade mística. Tem uma população de místicos muito grande. É um manancial de estórias. O objetivo é ir buscar as coisas na fonte.

Há quanto tempo você já mora em Brasília?

Entre idas e vindas, desde janeiro. Mas mudar mesmo há dois meses.

Quer dizer: esta estória toda de Brasília mística, Nova Era, favorêce o seu trabalho?

É. É isso mesmo...

Você já fez contatos com grupos esotéricos aqui em Brasília. Tá desenvolvendo pesquisas neste campo?

Não chegou a hora ainda de

Ryoki utilizou 39 pseudônimos em seus livros de bolso

fazer com grupos, mas com várias pessoas que têm uma tendência bastante puxada para este lado. Ja estive por exemplo na Pirâmide de Cristal, mas visitei ainda o Vale do Amanhecer. Tem uma porção de lugares que pretendo ir. Já ouvi falar sobre um grupo que mantém contato com extraterrestres. Vou procurar todo mundo.

Vamos a nossa curiosidade maior: como você explica esta pontencialidade de já ter escrito mais de mil livros? Como acontece?

Acontecendo. Acontecendo, como? Não tem fórmula.

Se não tem explicação científica, mística, nem explicaçao literária, tem o quê?

Uma explicação paranoide? Pode ter, não sei. Pode realmente ter, mas eu, sinceramente, nunca me preocupei em ficar desfrinchando isso. Eu sempre penso um bom meço para um livro. Eu sento e começo a contar uma estória pra mim mesmo. E ai sai um livro.

Com esta fórmula aparentemente simples quantos livros você já escreveu?

1000 livros.

Esta produção toda o levo a entrar no Guinness Book. Quando isto acontece?

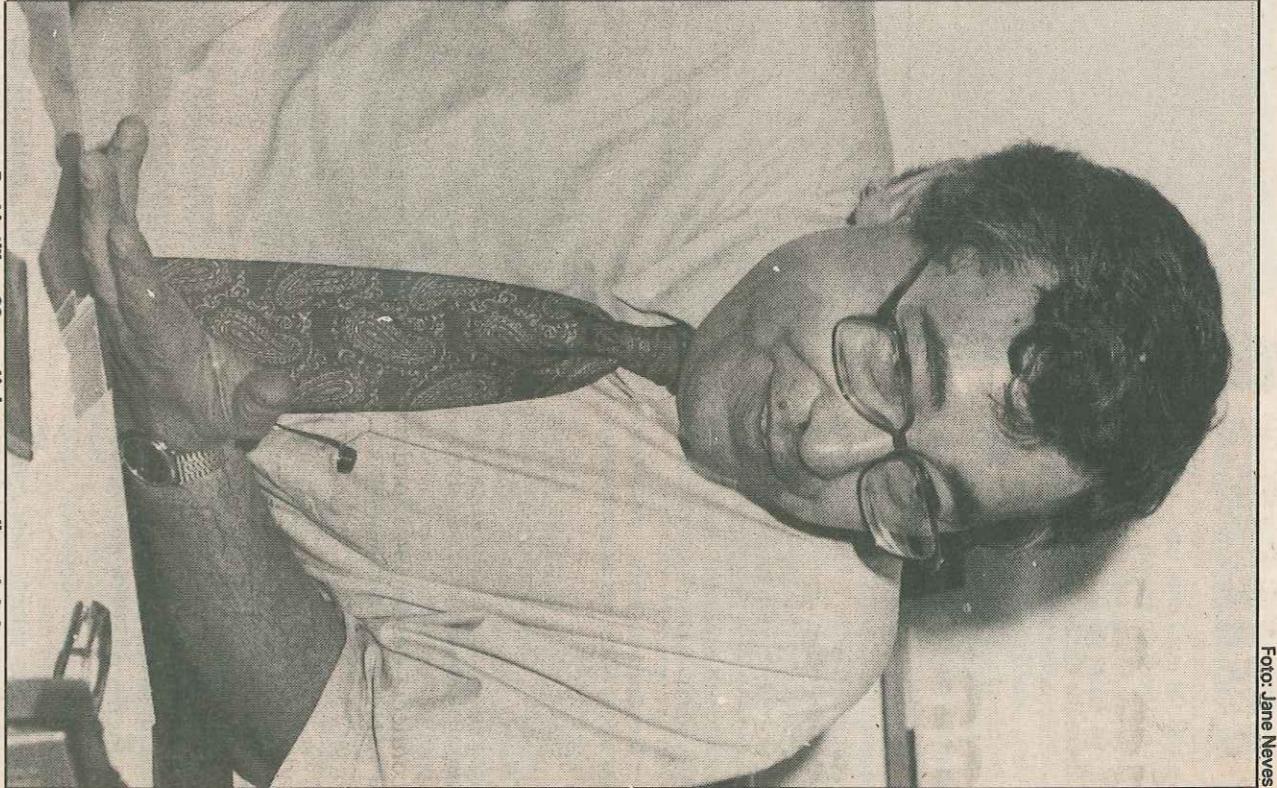


Foto: Jane Neves

Academia lembra Almeida Fischer

Ná sessão solene destinada a receber o poeta João Carlos Teixeira, na Academia de Letras do Brasil, fundada em 25 de julho de 1987, o acadêmico José Geraldo prestou uma homenagem ao fundador-mor da entidade, o escritor Almeida Fischer lembrando, entre outras coisas, a sua luta incessante em defesa da literatura. O discurso foi emocionante e o "DF Letras" publica seus trechos principais.

A academia acaba, aliás, de receber em seus quadros o escritor Napoleão Valadares que ocupa a cadeira nº 06 que tem como patrono Euclides da Cunha. Saudado pelo escritor Danilo Gomes, presidente da Associação Nacional dos Escritores, Valadares organizou as antologias Planalto em Poesia (1987) e Contos Correntes (1988), entre outras obras.



Os escritores Napoleão Valadares, José Geraldo e o poeta Anderson Horta

Almeida Fischer

Neste momento em que tenho a grata satisfação de declarar aberta a Ses- são Solene desta noite, destinada a receber o poeta João Carlos Teixeira, gos- aria de dirigir estas breves pa- lavras aos prezados amigos que nos vieram prestigar.

Nos tempos que se seguiram à fundação da Academia de Letras do Brasil — ocorrida em 25 de julho de 1987 — éramos quatorze (quatro dos quais — Geraldo Pinto Rodrigues, Caio Porfírio Carneiro, Lélio Ivo e Renard Perez — residentes fora de Brasília) e, numa fase que pode considerar-se de implan- tacão, outros eminentes escri- tores de diversas Unidades da Federação, como Hernâni Do- natto, Paulo Amador, Patrícia Bins e Jorge Medauar, uma vez eleitos, tomaram posse através da assinatura do termo respec- tivo. A partir daí, ficou decidido que o ingresso dos novos Aca- dêmicos ocorreria em Sessão Solene, sendo esta a razão pela qual a primeira só hoje se reali- ca, quando a Instituição já se aproxima dos seis anos de exis- tência. Dos cinco últimos elei-

tos, Napoleão Valadares e Luiz Manzolillo (de Brasília) e Hélio Pólvora (de Salvador) já mani- festavam interesse e em empossar-se e pelo menos dois deverão fazê-lo ainda em 1993.

Nesta hora — ao mesmo tem- po tão grata e cercada de tanta emoção para todos nós — não apenas desejo, mas simto-me mais sincera homenagem à memória do Fundador-Maior desta Entidade — o eminentíssimo Almeida Fischer.

Se de alguém pode dizer-se ter vivido para a Literatura, é dele que se está falando. Vito- rioso como escritor, deixou obras altamente significativas na órbita do conto e do roman- ce; eminentemente crítico — e podemos considerá-lo um dos mais importantes da atualida- de — deixou nos seis volumes de O Aspero Ofício (álbum de no material não publicado em li- vro) uma enorme quantidade de artigos sobre o conto, o ro- mane e a poesia, nos quais tanto aumentou a glória de va- lores consagrados, quanto re-

velou um grande número de valores novos.

Quem conviveu com Almeida Fischer, certamente se deu conta de estar diante de um homem extraordinário, de temperamento absolutamente invulgar, de caráter tão sólido quanto se pudesse presumir, e era isso que lhe dava o direto de seroso, sob evidente constrangimen- to, quando o Presidente re- guardar seus pontos de vista, principalmente quando se tra- tava de defender autores ou instituições literárias a que es- tava ligado e cujo valor reconhecia. Muito sugestiva de- monstração disso — e que con- taria aqui sem conhecimento do protagonista — vem do caso em que, numa Assembleia Ge- ral da Associação Nacional de Escritores, Alan Viggiano, en- tão seu Presidente, apresentou uma proposta que envolvia o patrimônio da Entidade. O alvi- vário integrante do grupo, foi vetado por Almeida Fischer, que alegava não estar a maté- ria examinada em profundida- de. O assunto — justificado por um e contestado pelo outro —

entrou rapidamente em des- gradável evidência e a tensão logo se espalhou entre os inte- grantes do grupo que lamenta- vam ver dois queridos compa- nhéiros à beira de uma desa- venga. O andamento dos tra- balhos indicava a votação da ma- teria e todos esperavam por is- so, sob evidente constrangimen- to, quando o Presidente re- tirou a proposta e a paz voltou ao nosso meio. Tenho a certeza de que, em qualquer outra cir-

cunstância, a sessão teria se- diante de tal opositor — Alan recuou e do episódio ficou a certeza de que tamanha era a autoridade de Fischer e tão a sério se levava seu ponto de vista, que era senhor dos desti- nos da Associação Nacional de Escritores, que idealizou, auxiou a fundar, como também o fez em relação à Academia Brasiliense de Letras e à Academia de Letras do Brasil, tendo sido o único fundador comum às três Entidades.

No que respeita ao desacordo antes mencionado, ocorrido en- tre ele e Alan Viggiano,

engana-se redondamente quem supuser que este último guardou alguma mágoa do ve- lho companheiro, bastando, para tanto, que se leia o seu ar- tigo "Um Minuto de Silêncio", es- crito "in memoriam" de Almeida Fischer e publicado em o número 28 do Boletim da Asso- ciação Nacional de Escritores, cujas palavras finais vão aqui transcritas:

"Ele vai fazer falta porque, durante mais de cinquenta anos, colocou a literatura como sua única preocupação; dia e noite, noite e dia. Brigava a to- da hora por causa dela. Nunca fez concessões de qualquer es- pécie. Foi chamado de estiva- dor da Cultura e até gestou".

O que se segue é que — sem dúvida — dedicado à memória de Almeida Fischer esta solenida- de que oficialmente se destina à recepção do poeta João Car-los Taveira.

A todos os presentes as boas- vindas desta Casa, que é a Casa de Almeida Fischer.

Geraldo Magela-
PT



A Constituição Federal que querem, a todo custo, reformar, ainda não foi sequer regulamentada. Passados cinco anos de sua promulgação, 141 artigos não foram regulamentados e mesmo assim já pretendem praticamente fazer outra Constituição.

Do ponto de vista legal, estamos cer- tos de que reforma constitucional pre- vista estava diretamente ligada ao ple- biscito para escolha do regime e forma de governo. Como resultado da consu- tória popular manteve o atual sistema, não há por que revisar. O que se faz necessário é colocar em vigor o texto constitucional existente e promover as alterações necessárias, por emendas à constituição.

Prevalendo o interesse das elites em reformar a Constituição, o Distrito Federal corre grave risco de ver sua autonomia política e econômica redu- zidas. No Congresso Nacional existe, desde o período Constituinte, uma ex- pressiva corrente defendendo a nossa organização como município, o que acarretaria o fim da Câmara Legislati- va, a perda do controle sobre suas polí- ticas e a diminuição de nossa arrecada- ção tributária, na medida em que a maior arrecadação provém do ICMS, imposto de competência estadual.

Sem dúvida, a redução da arrecada- ção agravaria a nossa dependência fi- nanceira em relação ao Governo Fede- ral, pois atualmente a dependência se limita, principalmente, às despesas com pessoal. No entanto, se perdermos o ICMS todos os nossos investimentos na construção de novas unidades de saúde, escolas e delegacias estarão sa- crificadas devido à falta de recursos. Neste momento, a defesa dos inter- esses de nossa cidade passa pela in- sistência no combate à revisão consti- tucional, pois esta somente serviria pa- ra retirar as conquistas dos trabalha- dores e colocar o Distrito Federal na mais completa dependência do Gover- no Federal.

Gilson Araújo-
PP



Estigmatizada como cidade im- produtiva, pela maioria da popula-ção brasileira, Brasília não é enten- dida de forma clara no seu papel. Esta injustiça extrapola o limite da incompreensão porque Brasília não é atraente de recursos da União como apregoam alguns. A função de Brasília de executar atividades es- peciais como cidade administrativa faz com que, de forma justa, o Governo Federal finance os custos dos servi-ços públicos que são significativos. Este custeio não é feito de forma

adequada porque se destina apenas a Segurança, Educação e Saúde. Quando precisa de recursos para atender outras áreas, Brasília é tra- vada como independente. Este equi- voco merece atenção especial e uma correção condizente com a atuação de Brasília no panorama Nacional. Isso porque, o PIB de Brasília gira em torno de seis bilhões de dólares, superior ao de muitas capitais bri- leiras.

Sem dúvida nenhuma, essa renda é justificada pelo fato de Brasília ser capital federal onde 65 por cento da renda interna e 18 por cento dos empregos estão centralizados no setor privado. Isso prova que Brasília não é improdutiva porque gera ren- da conforme sua vocação constitu- cional, alcançando diretrizes gerado- ras de empregos. Paradoxalmente, a União é grande beneficiária desta arrecadação e quando no repasse de verbas, Brasília é beneficiada apenas com uma parte da sua arrecadação.

A única Antolorgia

Durante a Feira do Livro de Brasília será lançada a 3^a edição de ANTOLOGIA (com um "r", a mais), livro de poemas de Berecili Garay, inspirado em situações brasilienses sentidas pelo poeta. A propósito, transcrevemos a "Apresentação", do próprio autor, e alguns poemas.

APRESENTAÇÃO

Sai a 3^a edição de minha ANTOLOGIA. Explico novamente: antologia é florilegio, mas esta minha tem um erro a mais. Pretendi fazer o mais lindo buquê, uma orgia de flores, no bom sentido, uma exuberância.

Para esta ANTOLOGIA colhi poemas em meus livros TEMPO DE MUSA (1957), MORDIDAS NO MINGAU (1983), CANTEIRO DE IDEAS (1986), que se encontram esgotados e poderão ser reeditados quando Deus quiser, e no inédito FOGO-FA-TUO.

Das edições anteriores eniei exemplares aos jornais, às teves, as rádios, ao Palácio do Buriti (para ver se deferi am minha "Gota de Reivindicação" e "Três Anos"), a poetas e críticos literários.

Os jornais noticiaram, apenas notas, mas valeu: do governador José Aparecido

de Oliveira: "Agradeço o encontro de seu novo e belo livro";

o crítico literário Almeida Fischer acentuou: "Alguns

poemas atingem o alvo"; do Rio, Marina Colasanti man-

dou cartão: "É bonito ver

nossos trabalhos se espalhando, gerando novos tra-

lhos que irão atingir outros

leitores, em longa corrente";

de Porto Alegre, a poeta Carmen Vianna: "Seu belo

ramalhete de poemas trouxe-me alegria". Vários regis- tro, enfim, que, somados à

força poética, não conseguiram fazer funcionar os meus

poemas de circunstância. É

difícil mover este mundo.

Mas acho que, com mais esta

assopradela, alguns ouvidos (e os chafarizes) vão desen- tupper-se.

E o que espero desta nova edição, aumentada e mais bonita no aspecto gráfico: que faça alarde, agite, movimente.

Anime-se, leitor. Sou tor- cedor de mim, mas, inde- pendente disso, acho que va- le a pena dar uma lida — o

crítico Fischer diz que sim: "Merece leitura", — ou, no

mínimo, fazer uma boa inspi- ração e dar uma cheirada. Afinal, são flores, flores do coração.

Brasília/93 (período da seca).

Jorge
Caul
PL

A con-
ral soft
sob just
mentar
tumult
ca da c
setores
açúcar
ma pol
Apes
nha co
zar sei
toriam
onaj as
O que
uma di
da Uni
pecialIn
destina

Com
tuciona
conjunt
tumult
pela mi
maltitadas,
entupidas
no Eixo Sul e Eixo Norte,
sem padrinho nem parteira.
Acredite-me voz forte,
como a de Manuel Bandeira
que em versos traçou esquema
é um beco caçou, no Rio,
com uma carta-poema.
Eu versei, com uma "Gota
de Reivindicação",
água a doze chafanizes
de Brasília, ate então
secos, em 83.

Tres anos: é 86.
Volta a vê-los: lá estão
secos como em 83...



Os figurinos das personagens, segundo o enredo das peças, são desenvolvidos por integrantes do grupo.

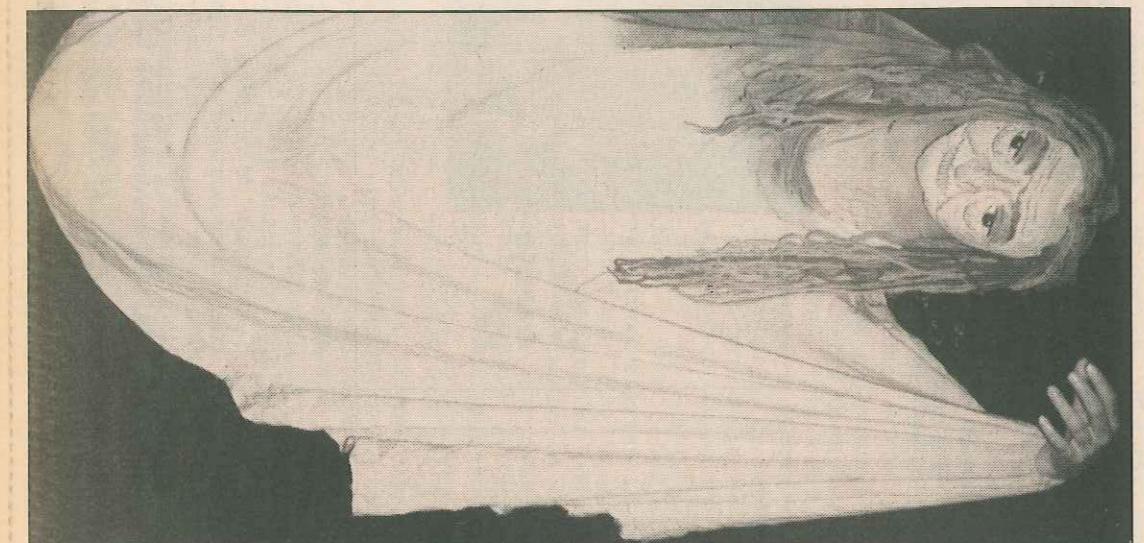
A arte do Celeiro das Antas

A ideia básica é "abrir caminhos para a arte". Daí o nome "Celeiro das Antas", um grupo de teatro de Taguatinga que, sem ajuda oficial, já montou vários espetáculos como a peça "Quem matou Zefinha". Segundo Humberto Pedrancini, um dos mentores da troupe, "a anta é aquele animal que, devagarinho, consente do que quer, trilha e abre os seus próprios caminhos". Daí o nome. Daí a disposição do grupo em produzir arte.

O "Celeiro das Antas", funciona na CNB 07, Lotte 14, Loja 01, telefone para contato 351-7766. É ali onde tudo acontece. Os integrantes do grupo, atores, atrizes e diretores, quando surge uma idéia para um espetáculo, não brincam em serviço: promovem no espaço os ensaios e, o que é ainda mais interessante, constroem o próprio cenário.

O trabalho coletivo é feito com meticolosidade. Com a idéia na cabeça e a disposição nas mãos de concretizá-la o grupo, após viver, sentir, em profundidade o texto, vai criando as cenas e os figurinos das personagens. Tudo ensaiado, tudo dentro da filosofia de "abrir caminhos", apresenta o espetáculo.

A afinidade dos integrantes do grupo, a filosofia comum de trabalhar voltado para a comunidade, tem dado ao "Celeiro das Antas", o que todo artista deseja: o respeito e o carinho do público. As manifestações são tão gratificantes que o grupo resolveu, para continuar independente das verbas e da burocracia oficiais, criar uma espécie de "açôo entre amigos". Quem é, de fato, admirador do grupo pode contribuir com quantias bimestrais que oscilam entre mil e dez mil cruzeiros reais. O celeiro espera você. Em nome da arte, que é a mais sublime das intenções.



Alluminada

Brasília brilha na noite, é um grande colar de tuzes no pescoço do horizonte, ponte da terra até os céus, dos diamantes ao sol, das criaturas a Deus. Ou é um disco voador a iluminar o cerrado e revelar minha dor.

Gongo Zen

Usa-teu minuto.
Plantada, a árvore faz maturar o fruto.

Quem com ferro fere
— díz o ditado. Não erre,
toque com amor.

Toque

A gás
distrital
não deve
nalista
tivos d
única
Tributu
mente
para sa
cionante
ção fisca
Com
Impostos
Marcos
pelo de
os estan
arrebad
mentaq
ção e s
tos. Isto
movim
sustent
esperar
arrebad
O corr
reduçõ
ISS, IN
quenta
tese mo

Beleza

A maçã mais bela
entre todas é escolhida
para ser comida.

Berecili Garay

— Revisão constitucional —

Jorge Cauhy-PL



A consolidação política do Distrito Federal sofre novamente ameaça de retrocesso, sob justificativas que nem comportam comentários, mas que provocam indignação pela maniosa campanha desenvolvida por setores inexpressivos com o objetivo de aocular a opinião pública contra a independência plena, de fato e de direito, do sistema político-financeiro de Brasília.

Com a proximidade da revisão constitucional urge a necessidade de da conjunção de forças para rebater com energia investidas destinadas apenas a tumultuar o processo da autonomia política da capital brasileira, conquistada graças a determinação daqueles que, embora oriundos dos mais diferentes pontos do País, a elegeram como sua Terra.

Apesar da inexpressividade da campanha contra Brasília, não devemos minimizar seus possíveis efeitos. Temos, obviamente, de exigir o quinhão que nos é devido, fazendo chegar ao Congresso Nacional as nossas reivindicações.

O que é preciso, diga-se de passagem, é uma definição constitucional dos deveres da União para com o Distrito Federal, especialmente no que diz respeito a recursos destinados ao GDF, diminuindo as divergências e eliminando de vez as controvérsias que vêm suscitando inquietações.

José Edmar-PFL



A garantia da autonomia financeira do Distrito Federal na revisão constitucional não deve estar vinculada a artifícios paternistas de repasses obrigatórios e perpetuos da União aos cofres do GDF. Uma única alteração no capítulo do Sistema Tributário Nacional, reduzindo drásticamente a carga tributária, pode colaborar para sanear as finanças de Brasília, proporcionando uma maior e garantida arrecadação fiscal.

Com o aperfeiçoamento da proposta do Imposto Único, idealizada pelo professor Marcos Cintra e defendida no Congresso pelo deputado Flávio Rocha (PLR/PI), todos os estados e municípios brasileiros teriam arrecadação diária (1%) sobre toda movimentação bancária, sem risco de sonegar e sem gastos com cobrança de impostos. Isto significa dizer que Brasília, onde a movimentação de recursos da União é significativa, não teria que pedir de joelhos o repasse minguido de recursos para sua sustentação. Melhor que isto, não teria que esperar meses pelo repasse de impostos arrecadados sem correção.

O contribuinte teria, por sua vez, uma redução nos impostos. Não pagaria ICMS, ISS, INSS. Imposto de Renda e outros cinqüenta tributos, que seriam extintos. A fórmula mostra que, mesmo assim, a arrecadação seria maior.

A rádio que vive e pulsa cultura no ar

Ihac Amado

Jornalista

"Cultura é um processo vivo. É pulsão! É tudo o que envolve e resulta da atuação humana: o vestir, o comer, o falar...". É esse conceito dinâmico que baliza o projeto de profissionalização da Rádio Cultura do Distrito Federal que, desde maio de 1992, vem sendo empreendido pelo radialista Cristiano Menezes (45 anos) que deixou o Rio de Janeiro e a Rádio JB FM para atender ao convite do secretário de Cultura e Esportes do DF, Fernando Lemos, para dirigir a Cultura.

A Cultura foiposta e mantida no ar graças ao empenho de um grupo de esforçado funcionários públicos, requisitados pela Fundação Cultural de organismos tão heterogêneos quanto a Polícia Civil e o Departamento de Parques e Jardins", conta Cristiano para justificar que a Rádio, "apesar da dedicação de todos", não tenha ainda um perfil consolidado perante o público. Faltavam-lhe profissionais: jornalistas, radialistas e técnicos especializados que pudesse sem dar-lhe um caráter e

permitisse à Cultura, de fato, "emplacar".

Aos poucos, contudo, a Rádio foi incorporando, como colaboradores, profissionais especializados, ao mesmo tempo em que formava um time novo, com o pessoal mais jovem que chega todo o dia ao mercado. Enquanto isso, em outros "fronts", se lutava pela aprovação do quadro definitivo de presoal.

Esse quadro começa, finalmente, a ser implantado. A partir da aprovação da Câmara Legislativa e a sanção pelo governador interino, Benício Tavares, da Lei que cria 35 cargos na estrutura da Rádio.

O projeto da Cultura não

tem "nenhum compromis-

so com o **hit parade**", ga-

rante Cristiano, "a ideia",

acrescenta, "é reverenciar

o passado, o eterno, mas

permittendo que o novo,

aconteça sem nenhum

preconceito". Para o Diretor de Radiodifusão da Fundação Cultural, "in-

gressamos na maioria de

com a aprovação do que

rumo ao futuro".

E qual é esse sonhado

futuro? "A transformação

da Rádio em uma fundação

completamente autônoma, mais ou menos nos moldes da Fundação Roquette Pinheiro e que possa até mesmo vir a manter não apenas a Rádio mas também um canal de televisão".

Apesar das dificuldades,

o que anima a todos os que

apostam no projeto é que a

Cultura já está se tornando

presente na vida de Brasil

Mesmo tendo sido até

agora, segundo seu próprio

diretor, apenas "um ras-

cuno no ar", em função

das carencias que enfrentava, a Cultura já pode,

agora, "aprimorar o texto,

passar a limpo esse rascu-

nho".

A base da programação

continuará a mesma: infor-

matação — cinco minu-

tos a cada hora cheia e um

noticiário completo, todos

os dias, às 18 horas e mu-

ta música, Reggae, jazz,

clássico, rock, chorinho,

samba, MPB, blues, tudo

isso numa **grade musical**

harmonica, onde só não

caberá o **brega**. Chitãozi-

nho e Xororo, não".

A grande inovação que

Cristiano pretende implan-

tar na Cultura ocupará a

programação do inicio da

manhã. Das 7 às 9 horas,

diariamente, um jornalista

ocupará a posição de âncora — nos moldes dos anco-

ras dos teledjornais — e

conduzirá um programa

com blocos musicais e co-

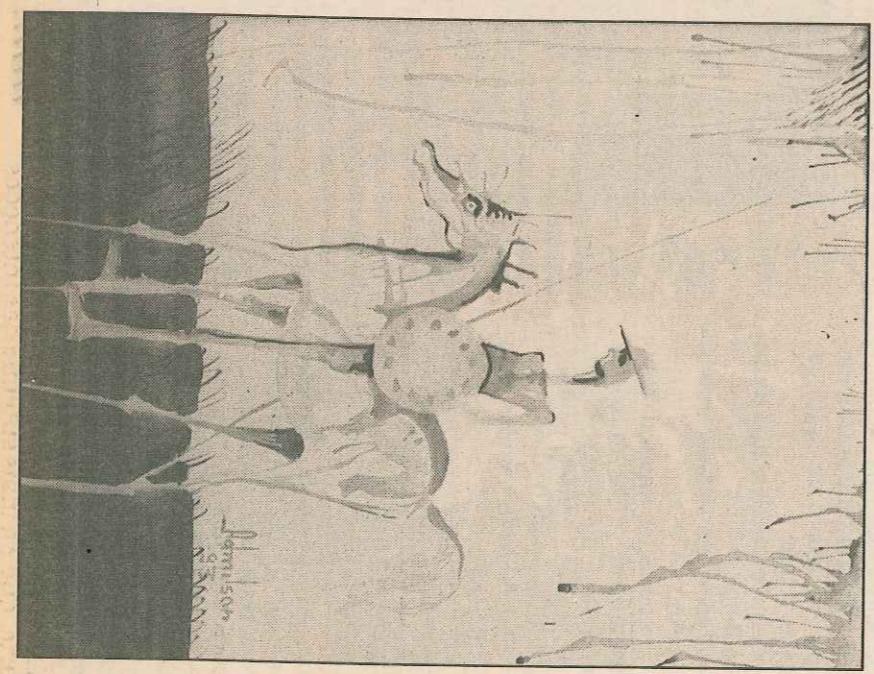
mentários "ao vivo" do no-

naciário dos principais jor-



ARTES PLÁSTICAS

Artista plástico que faz do ato criativo a magia de expressar seus sentimentos através da mistificação de conteúdos e estilos, Admilson é um nome que cresce em Brasília. Irreverente, diz que mágicos são os pincéis daquele cujo pecado é dizer não às algemas do sistema. Admilson inaugura a galeria do DF Letras.



Parlamentarismo na Alemanha

Relativo à forma de governo da Alemanha depois da 1ª grande guerra, ou seja, posterior à queda do sistema imperial, podemos distinguir três grandes momentos históricos representados pela República de Weimar, pela Ditadura nazista e pela República Federal da Alemanha.

Com a proclamação da República no final da 1ª guerra mundial, a 09 de novembro de 1918, em Berlim, os partidos políticos passam a desempenhar um papel essencial na vida política da nação. Não obstante a persistência dos comportamentos característicos da Antiga Autoridade (Obrigkeit/ Estado da Hierarquia), particularmente presentes na administração e no Exército, a relevância dos poderes exercidos pelo presidente do Reich (Império) e a extensão dos extremismos impedem o desenvolvimento profundo de uma cultura político-democrática e parlamentar verdadeiramente sólida.

É verdade que com a República instituiu-se o direito do voto geral, secreto e direto para homens e mulheres. Os trabalhadores ganharam a luta pelas oito horas de trabalho diário, os sindicatos foram reconhecidos como parceiros nas negociações sobre os salários.

Porém os grandes monopólios sobreviveram: os grandes proprietários de terra, os generais e a aristocracia agrária mantiveram boa parte de seus privilégios e com isto subexistiu também muito da estrutura arcaica do Império.

A constituição da República de Weimar, que entrou em vigor em agosto de 1919, estabelecia que:

— O Império Alemão é uma República.

— O poder do Estado emana do povo.

— O chanceler imperial (Reichskanzler), e os ministros necessitam para exercer seus mandatos do voto de confiança do Congresso (Reichstag).

— As leis serão votadas pelo Congresso.

— O Presidente do Império pode, quando a segurança pública e a ordem forem perturbadas e ameaçadas de forma extrema, tomar medidas excepcionais inclusive com auxílio do poder armado para restabelecer a ordem e a segurança pública.

— O Presidente poderia dissolver o parlamento,

— A autoridade do Presidente emana não do parlamento mas sim do voto popular.

Esta concepção política caracterizou o tempo da Repú-

Sua livre atuação é parte necessária da ordem democrática. Não obstante, o ordenamento interno dos partidos,

sus finanças, seu relacionamento com o poder público, sua capacidade competitiva ou o tratamento a ser dispensado a partidos contrários à constituição e à democracia mereceu uma regulamentação inequívoca — a Lei dos Partidos.

Já em 1951 foram dados os primeiros preparativos para uma legislação partidária — considerada um progresso para o desenvolvimento da democracia na República Federal da Alemanha.

Entre 1951 e 1952 o Ministro Federal do Interior apresentou projetos que não entusiasmaram nem o Governo Federal, nem o Parlamento, nem os partidos. Em 1955, o Ministro Federal do Interior convocou uma comissão composta de 17 professores de diversas especialidades para um novo exame dos problemas relacionados com uma legislação partidária.

Em 1957 o relatório básico desta comissão foi apresentado à opinião pública, sem encontrar eco relevante no meio político, sendo porém aprovado na maior parte do projeto de lei do Governo Federal de 1959.

Em 1967 um projeto de lei comum (dos partidos) foi apresentado à Câmara Federal Alema e no mesmo ano debilitante de Weimar, e exigiu que em certo sentido substituía o monarca, à medida que detinha uma autoridade especial.

Desta forma a cultura política alemã permanecia marcada pelos reflexos da sociedade wilhelmina.

No que concerne aos partidos, pode-se resumir que suportaram grosseiramente o movimento nazista surgido nos anos vinte, o qual favorecido pelo sistema político estabelecido e por traumáticos excepcionais, como os ditames do Tratado de Paz (Tratado de Versalhes), a crise econômica de 1923 e a grande depressão econômica de 1930, pode chegar legalmente ao poder.

Uma vez no poder os nazistas tratam de demolir todo sistema e estado de direto e eventualmente o sistema dependente do Führer, Hitler, tendo no Partido Nazista seu instrumento político.

Passada a 2ª Guerra Mundial, a criação da República Federal da Alemanha se dá

composição do Governo Federal e propõe ao Presidente a nomeação e demissão dos Ministros Federais. O Parlamento Federal não tem influência direta sobre isto.

Tribunal Constitucional que a República Federal da Alemanha, a despeito do qual não deve ser atribuído às iniciativas alemãs e aos antecedentes históricos, em bom grau de criação nasceu à força.

Cabe ainda aqui a indicação:

"Com a proclamação da República no final da 1ª Guerra Mundial, os partidos políticos passam a desempenhar um papel essencial na vida da nação"

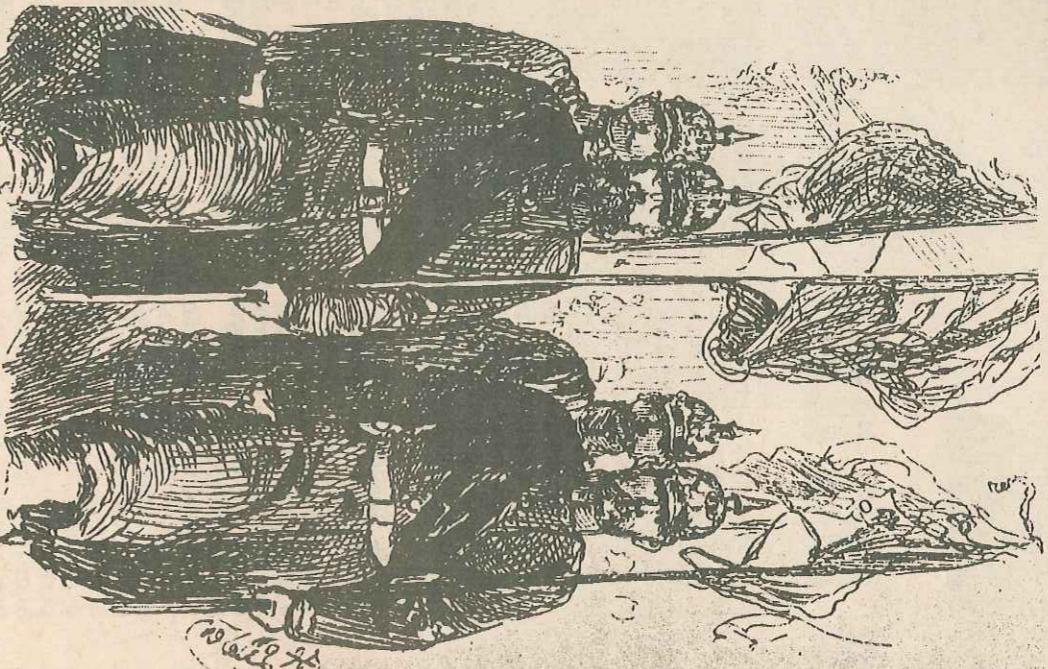
Democracia construída de cima para baixo? Sim. Por último a questão: o que assegura a estabilidade da vida política alemã? Sem dúvida que o sucesso da forma de governo da Alemanha assegura-se em última instância numa ordem de fato democrático-liberal cuja essência é o Estado de direito, o qual inspira a observação da constituição e na capacidade de funcionamento do Estado social.

Tem-se que ressaltar que urbanos fundamentos sobre os quais se baseiam as democracias de Estado de Direito é constituído por fatores econômico. O modelo de ordenamento econômico da Alemanha, econômica de mercado, e o Estado social de direito, propiciam a seus cidadãos os benefícios que asseguram a existência: emprego, assistência social, moradia. Assim sendo a estabilidade política da Alemanha é consequência tanto de um ordenamento político onde o exercício do poder parte de um poder estatal circunscrito por um Estado constitucional, quanto de seu desenvolvimento econômico, ou seja: a estabilidade política da Alemanha é constituída também de bases econômicas e sociais que contribuem para a consolidação não só da forma de governo, como da democracia.

Odair Alvim Pimentel

A uma dade ca. Imprensa fazendo imprecações que povos que povos mas cias citac. dos serv.

A Dra. Albene Miriam F. Menezes é professora do Departamento de História da UnB.



□ Paulo Bertran

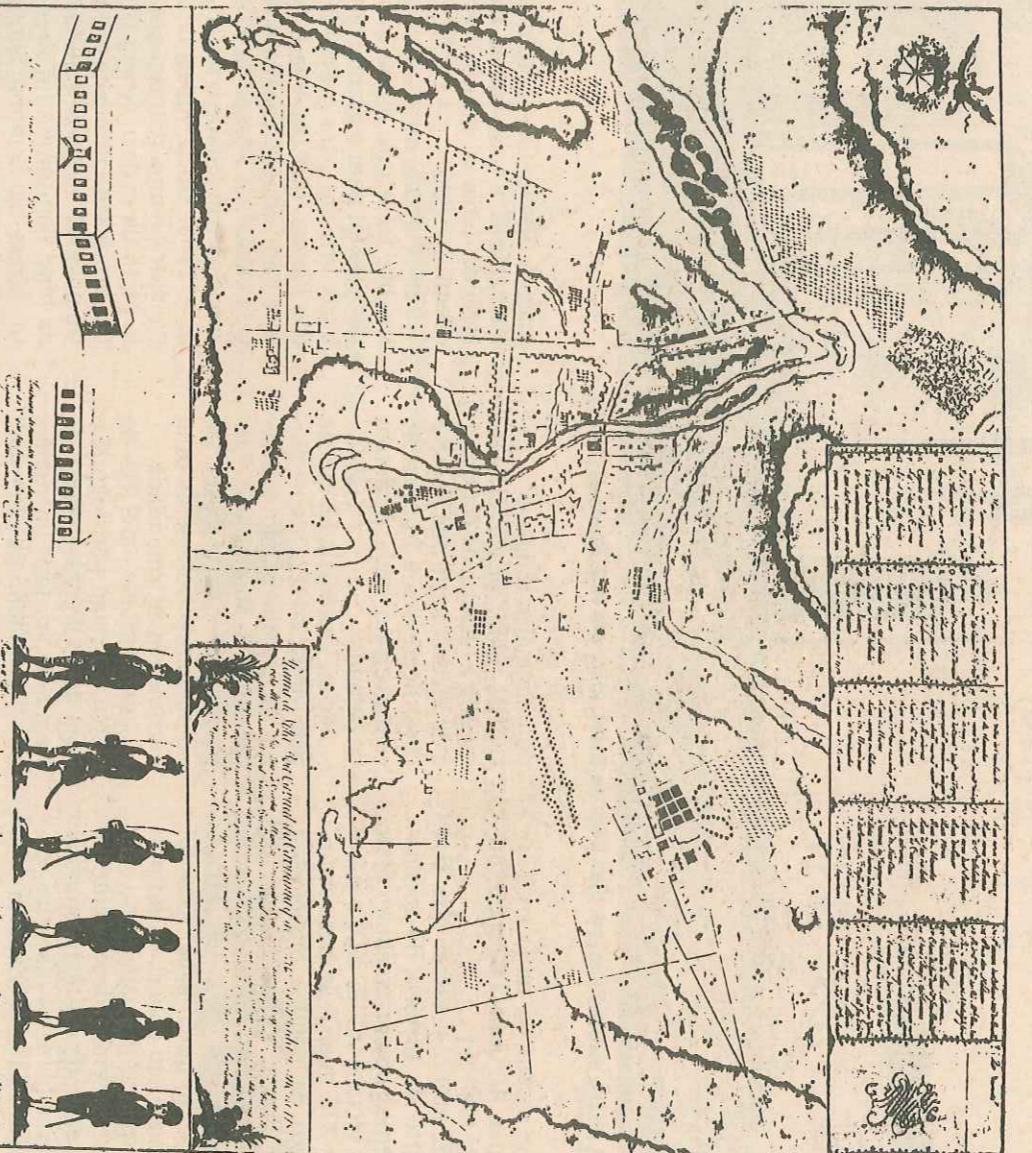
O fantasma do tenente pintor

Neste Artigo o historiador e ensaista redescobre na Villa Boas de Goiás de fins do século XVIII um artista plástico do qual nenhuma obra subsistiu

A certa altura de sua monumental obra sobre o barroco no Brasil, diz Eduardo Etzel de as expressões plásticas em Goiás e Mato Grosso, serem poucas e rústicas, pois que derivavam de uma colonização paulista antiga da região. Como em São Paulo essas artes não tinham grande importância, o mesmo ia dar-se em Goiás e no Bom Jesus do Cuiabá.

Não é bem assim. Se o co-moço goiano foi paulista — uns 20 ou 30 anos de hegemonia, o resto foi reinol, e alguns lugares como Meia Luzia quase só se formaram com gentes e modos do reino. Em fins do século então, todos os arraiais se pautavam pela vertente geral luso-filia iluminista. Se as artes plásticas em Goiás têm poucos testemunhos atuais, isso deve-se a fatores outros, sobre os quais aqui não me alongo.

Como exemplo dessa mal-conhecida matéria, registro num documento singular de 1782, o caso de Bento José de Souza, o Tenente Pintor. Dele, ao que eu saiba, não sobrou sequer uma obra conhecida ou identificável. Não há, em todo o acervo catalogado, algo a que se possa comparar a autoria do Tenente Beneto José de Souza. Não se sabe quando nem onde nasceu ou



Planta de São João del-Rey, entao Villa Boas Capital da Capitania de Goiás, 1782

Revisão constitucional

Odilon Aires-PMDB



A revisão constitucional merece uma reflexão mais profunda da sociedade, especialmente da classe política. Estamos vivendo um momento ímpar na história do Brasil, onde se faz necessário uma análise do que foi implantado em 1988 para se saber o que realmente foi benéfico para o povo. A Carta trouxe muitos avanços sociais que devem ser preservados, sob pena de se causar um trauma social muito grande.

Entre os avanços sociais que precisam ser preservados, podem ser citadas as conquistas dos trabalhadores, especialmente os ganhos dos servidores públicos, como a estabiliza-

dade e a isonomia salarial. Mexer em tais mecanismos pode trazer descontentamentos no seio da classe trabalhadora, porque vai representar um retrocesso, sendo perigoso para as instituições. Conquistas não devem ser negociadas, mas sim preservadas.

Uma Constituição não pode ser provisória. Não deve ser remendada ao sabor do interesse dos governantes ou de determinados segmentos da sociedade. Todo cuidado, por maior que seja, ainda é pouco quando se discute o assunto. O povo ainda espera ansiosamente a regulamentação, seja por intermédio de lei complementar ou por lei ordinária, de muitos dispositivos constitucionais.

A Constituição, diploma maior de um povo, de uma sociedade, deve ser duradoura, refletindo a maturidade da Nação. Uma revisão sem critérios, com conotação nitidamente corporativa, traria vícios que podem causar lesões incuráveis para nossa Pátria.

Lúcia Carvalho-PT



"Sei da necessidade de rever determinados assuntos da Constituição, mas a revisão pretendida deve acontecer somente em 1995, depois que os novos parlamentares fossem eleitos com o povo conhecendo as propostas de cada um para as mudanças.

Como o Congresso Nacional já decidiu pela revisão neste momento, estarei atenta para que os direitos dos trabalhadores sejam mantidos e para que a autonomia financeira do Distrito Federal fique assegurada na Constituição. É um absurdo que aos 33 anos a capital do País, que, gra-

cas a muita luta, conquistou a sua autonomia política, ainda fique à mercê da boa vontade do Governo Federal para áreas básicas como Saúde e Educação.

Brasília como capital do País é obrigada a sediar com ônus embarradas, representações de estado e órgãos públicos federais. Então é mais que justo que haja uma compartilhada da União. A minha proposta é que as áreas de Saúde, Educação e Segurança sejam mantidas constitucionalmente pelo Governo Federal. A reivindicação é correta porque pessoas do Brasil inteiro procuram atendimento nestes três setores, especialmente no de Saúde.

Defendo ainda que após a revisão o Distrito Federal passe a fazer parte do Fundo de Participação com status de estado. Até agora o Governo Federal vem arrecadando impostos dentro do Distrito Federal que não são revertidos para a cidade, como são para os estados. Estas são algumas formas de conquistarmos a nossa autonomia financeira."

"Líbolo Civil", uma ação para averigar-se a justezza de obscura causa entre duas partes

morreu. Sabe-se que tinha o título de Tenente de Ordem, não se sabe se branqueado, preto ou mulato. Mas representaria hoje um socialite, uma pessoa bemposta no esfamento social — um colunável do meio artístico.

Interesso-me nele porém como fantasma, como metáfora de algumas condições do artista-sertanejo em fins do século XVIII.

Bento José vivia com seu pai, Antônio. O velho pai cuidava da casa e dos negócios também que conheço sobre o pintor, é um fragmento de processo, muito mal feito e truncado na origem, sem falar na letra péssima e enganosa. Chamava-se o seu infeliz escrivão Manoel Francisco da Maia, "Tabsclean nos impecáveis (sic)" do atual que escreveus (sic)". Grande Maia, tetravô da ignorância linguística que frequenta nossos cartórios.

Enfim o documento é um

**Manoel
Andrade-
BB**



Enquanto alguns setores discutem se a revisão constitucional deve ou não acontecer e os caciões do Congresso disputam a presidência da revisão, nós aqui do Distrito Federal ficamos preocupados em conseguir, exatamente através da revisão da Carta, a autonomia financeira que

então, estive na Câmara Federal tentando incluir cortes no repasse de verbas da União para o DF. Não tivemos sucesso, mas mostramos a necessidade de as verbas serem repassadas e, mais que isso, mostramos que o DF precisa ter sua autonomia financeira.

as consequências do esvaziamento de caixa do Tesouro Nacional, como bem disse um editorial recentemente publicado no jornal Correio Brasiliense. As "sequelas já são conhecidas. 'Saída e educação', observa o texto, "praticamente cus-

das nos respectivos atos de gestão limitados pela parceria entre o Ministério da Fazenda nos créditos repassados ao GDF". Além disso, tem a questão de segurança pública, também, custeada com recursos da União. Como se pode ver, são áreas de crucial importância as atingidas.

Na verdade, o Distrito Federal precisa ter participação nos fundos destinados aos estados e municípios, conseguindo, assim, recursos que

Ma. de
Lourdes
Abadia-
ben



Ao contrário do que se apregoa, a revisão constitucional não é golpe. De acordo com o que consta no artigo 3º do Ato das Disposições Constitucionais e Transitorias, "a revisão constitucional será realizada após cinco anos contados da promulgação da Constituição pelo voto da maioria absoluta dos membros do Congresso Nacional em sessão unicameral". A revisão, portanto, é constitucional e deve ser realizada.

Como integrante da Comissão da Ordem Social à época em que foram eleitos os vereadores

conquistas sociais que foram feitas. Pelo que ficou decidido com 253 votos, maioria absoluta, o Congresso pode fazer modificações na Carta. É aí que podem ocorrer retrocessos. Todos sabem que esta Comissão foi a que mais avançou e que por isso mesmo mais desagradou os setores retrogrados da nossa sociedade. Agora, com os "lobbies" eficientes que estão sendo preparados, algumas conquistas podem ser revistas. Exemplos: a licença de 120 dias para gestante, a questão dos aposentados e a jornada de trabalho de 44 horas. Não podemos abrir mão destes direitos.

Outra preocupação: não marcaram um prazo para o término dos trabalhos. O PSDB, meu partido, defende a data de 31 de dezembro. É preciso que isto fique estabelecido porque 1993 é um ano pré-eletoral e os parlamentares podem usar a revisão de forma eleitoreira, se esquecendo do principal que é garantir a governabilidade do País.

O número 2 deste DF LE TRAS publicou um excelente estudo do Professor Cassiano Nunes sobre certas características da obra e da personalidade do Graciliano Ramos, o velho Graça de todos nós que somos admiradores da obra desse grande escritor.

Em primeiro lugar ousaria comentar alguma coisa sobre o estudo em referência e peço desculpas por tratar de um assunto que não é de minha alcada, mas escudo-me no fato de ser um leitor impenitente e talvez compulsivo. Por outro lado o estudo é bastante denso e provoca uma série de reflexões que não são exclusividade da crítica literária.

Concordo com o professor Cassiano quando valoriza a releitura — descobrimos novos sabores naqueles escritores que nos agradaram em outros tempos e, "last but not least" vemos ruir alguns idólos criados pelos truques mercadológicos e que nos enganaram antes.

Em segundo lugar encontro muito adequada a análise

A black and white line drawing of a nude woman in a dynamic pose, leaning back with her head tilted back and arms raised. The background features stylized, swirling patterns and several stylized flowers or leaves.

A r t e f e i e

No presente artigo, o professor e pintor Elder Rocha Lima discorre sobre os valores da cultura ocidental, bem como a sua inserção no Brasil.

*gô, o professor e pintor
obre os valores da cultura
ão do real como uma Arte i*

Mas docinhos de Ioubau
frutos no quintal alheio, poiss
já faz muito tempo que vnu
fazia isso com eficiênciale ve
jamos um desdobramento do
assunto tratado no artigo queee
temos o atrevimento de co
mentar. Trata-se da "arte por
bre", da "arte feia". Em lite
ratura o assunto não é tão
polêmico quanto nas artes
plásticas. Os escritores nunca
tiveram medo de meter o cle
do nas mazelas humanas e
utilizar-se de vocabulário e
expressões rudes ou mesmo
fesceninas, em beneficio da
expressividade literária, ou
melhor, artística. O desresver
cenas ou tipos repugnantes

ou repulsivos nem sempre constituiu afronta às pessoas de bom-gosto. Parece que os livros fechados e adormecidos nas estantes não agrideem tanto quanto um quadro perdido na parede...

Em termos de arte plástica predomina ainda uma grande confusão entre "beleza natural" e "beleza artística", diagramos um tanto quanto simplistamente. Uma obra de arte pode até atender a esses dois tipos de valores, mas não necessariamente. Os impressionistas, de maneira geral, atendiam a essa superposição. Mas, se examinarmos a produção artística ao longo da história encontramos mais frequentemente um divórcio entre essas duas categorias estéticas. Como situação exemplar lembro-me dos painéis da "Casa del Sordo", de Goya, em que o artista representou alguns velhos decrepitos, repugnantemente feios, comendo com repulsiva voracidade; isso não impediou que essa obra decorasse a sala da

"Graciliano Ramos era um sujeito extremamente exigente

e conseguiu pessoas com outras pessoas"

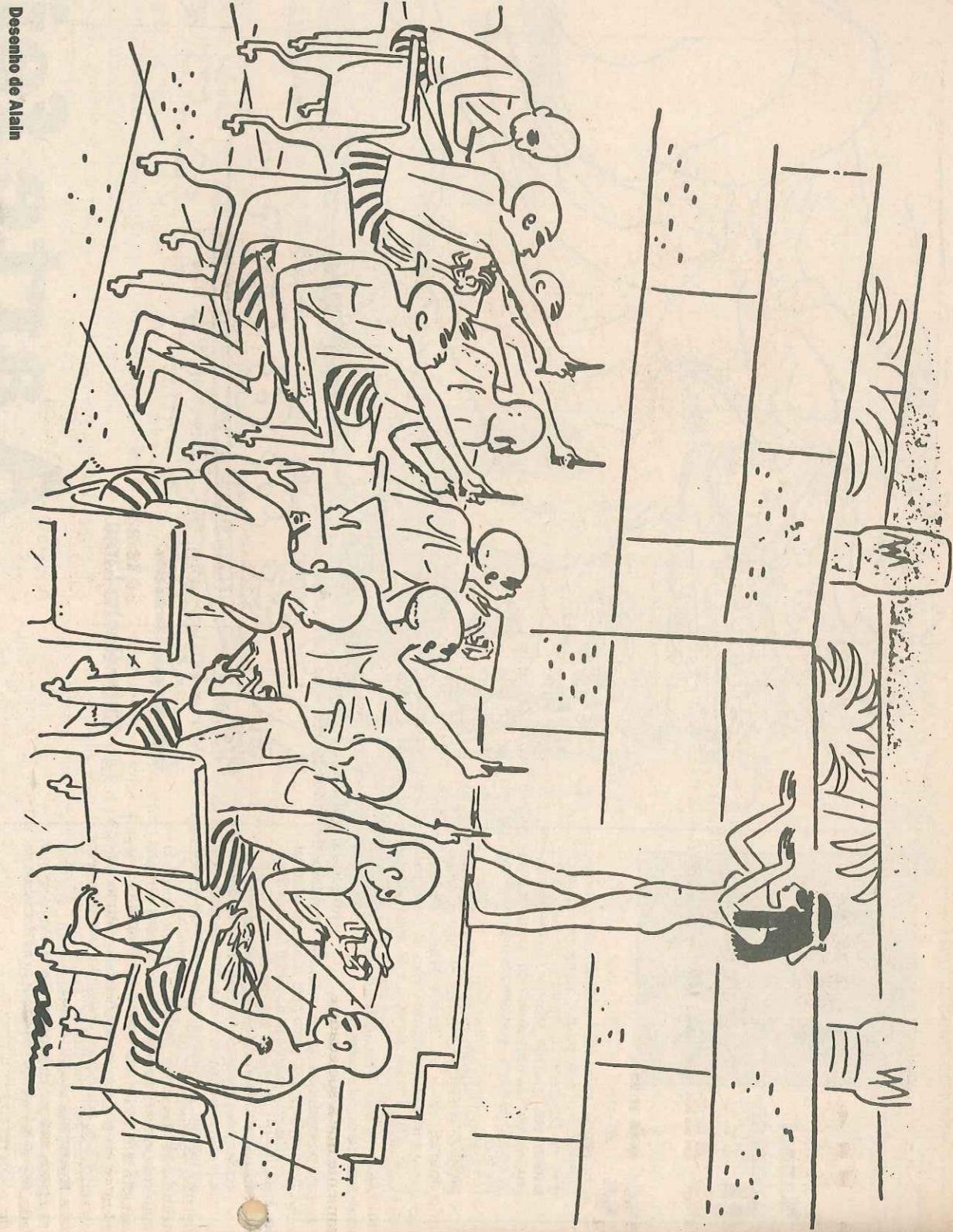
casa do artista e nem me impedi, quando a vi pela primeira vez, de exclamar: "Que beleza!" Matissé, pintor muito apolíneo, como diria Nietzsche, dizia que se encontrasse na rua mulheres iguais às que ele pintava, fugiria apavorado.

Tanto na arte oriental clásica, como na arte africana ou mesmo na arte de qualquer povo de cultura não-tecnológica não passa pela cabeça do artista que sua tarefa é de produzir coisas bonitas. Isso igualmente ocorria com o artista egípcio ou da Idade Média, isto é, toda e qualquer produção artística não sujeita à influências da estética grega.

Nós não ignoramos a profunda influência da cultura grega sobre a cultura ocidental, influência que, em certos casos, tornou-se obstáculo ao seu desenvolvimento. O fascínio da civilização grega até hoje perturba nossos intelectuais e provavelmente nos inibe para uma análise crítica do pensar grego. Os dogmas da estética grega foram durante largo tempo a sombra perturbadora que se debruçou sobre a arte ocidental, sombra essa que atinge nossos dias.

A estética grega, de natureza idealista, admitia que cumpria ao artista recrivar a natureza segundo uma Ideia Universal de caráter platônico. Assim uma estátua de Apolo ou de um efeso deveria traduzir a perfeição da beleza masculina ideal. Os cânones da proporção para o corpo humano transportaram-se para o Renascimento com impeto renovado e cristalizaram-se no academicismo.

Esses princípios estéticos gregos e renascentistas foram revividos através do neoclassicismo e cujo grande estimulador foi o historiador de arte alemão J.J. Winckelmann (1717-68) que pontificava que as estátuas gregas expressavam a beleza natural máxima, que traduziam igualmente a beleza espiritual do homem, e que os artistas deviam regular seus trabalhos pelos conceitos gregos que, inclusive, corrigiram as imperfeições do mundo real. Sua fala encontrou terreno fértil na intelectualidade e entre os artistas da época a sua doutrina foi a substância pedagógica da Escolas de Belas Artes de lá e daquem mar. Hoje ainda, inúmeras pes-



Desenho de Alain

"Em termos de arte plástica predomina ainda uma grande confusão entre "beleza natural" e beleza plástica."

soas, intelectualizadas ou não, pautam seus comportamentos estéticos pelas normas acadêmicas que formaram os parâmetros de cultura visual do nosso mundo ocidental, e esse padrão de pensamento, fruto do abastardamento e vulgarização da estética grega é responsável pelo divórcio entre artes plásticas e o público de hoje, mesmo aquela parcela do público que apresenta um nível de cultura razoável e conseguiu conviver bem com outras formas de produção artística. Embora não caiba e nem queira discutir aqui as características da produção das artes plásticas de hoje, não seria despropositado citar algumas palavras do crítico inglês Harold Osborne:

"Aqueles que endossam uma teoria formalista da arte sustentam comumente que um quadro ou uma estátua não podem ser considerados obra da mais alta qualidade simplesmente porque são uma boa representação de um objeto ou ideal, ou porque tornam aparente alguma relação de significação metafísica dos objetos que retratam.

Consoante a tendência antinaturalista da teoria contemporânea (que pode ou não justificar-se) toda e qualquer obra de arte precisa ser considerada como objeto novo, recentemente criado, e não apenas como espelho refletor das coisas que representam, e essa nova criação que ela é, distinta das coisas que refletem".

Foi essa autonomia com relação à realidade que permitiu aos artistas enveredarem por caminhos variados e, inclusivamente, defendendo a boa causa, representarem o lado feio da vida e fazerem críticas contundentes à sociedade — o expressionismo não foi sóamente uma escola estilística, foi uma atitude perante a vida. Independente da escola expressionista não podemos esquecer a obra de Bosch, na Idade Média, os Retirantes de Portinari, os Desastres da Guerra de Goya, as figuras patéticas de Rouault, as gravuras de Kathe Kollwitz e tantos outros que elevaram a um alto nível de espiritualidade o que consideraríamos materialmente feio.

* Elder Rocha Lima é arquiteto, professor de História da Arte e Artista Plástico.

Comitório dos Mortos, Kathe Kollwitz, 1913. Litografia

A Herança do modernismo de 22

um mundo cada vez mais variável, dois elementos da realidade humana são inutáveis: a morte e a passagem do tempo.

Quando jovens, tendemos a pensar que a mocidade não acaba. Por sua vez, os velhos reacionários acreditam religiosamente que a sociedade é estática. É comovente presenciar nesses saudosistas a sua leitura pura no imobilismo. No entanto tudo se move a medida que sfolhamos o calendário.

Na minha já longa experiência de vida, posso, baseado numa concepção do mundo dialética e antimanicheia, chegar a uma conclusão positiva e que desmente os pessimistas impressionados com os fracassos políticos da nossa época: **há progresso!**

Nada me dá mais a evidência do progresso que a ascensão social da Mulher — vítima de opressão milenar —, no Brasil, no Ocidente. Na minha infância, ainda pude ver as mulheres limitadas quase que inteiramente à vida doméstica. Uma tacanha moralidade quase que proibia as mulheres de saírem à rua. Só ronhas pálidas, enclausuradas, ficavam horas e horas bordando um lencinho, ou,

então, ociosas, à janelaria. Chegou a criar-se uma palavra para designá-las: "janelerias".

Se uma jovem mais vivaz chegava ao terceiro namorado provocava logo a repulsa social e passava a ser "uma moça falada". A melhor educação feminina — a das classes altas, oferecida por freiras estrangeiras, garantia o conhecimento do francês para as ameaçadas de salão e leitura de romances "rose", e a prática de bordados e uma pintura horrível. Até instituições respeitáveis como o Banco do Brasil recusavam a colaboração feminina. No presente, quando vejo moças ativas na política, nas Forças Armadas, lanço o desafio: houve ou não houve progresso? Pensem na mulheres que sofrem a pressão obscurantista de todos os fundamentalismos, de modo especial, o árabe, e assimilarem a diferença.

No campo da educação, também se nota, a diferença auspiciosa, pois fomos umponente à existência da Universidade! E a primeira que se criou, na festa da comemoração do centenário da Independência, foi mais para o Rei da Bélgica ver... Uma década após, tempo de efervescência cultural, surgiu a precursora

então, ociosas, à janelaria. Chegou a criar-se uma palavra para designá-las: "janelerias".

Se uma jovem mais vivaz chegava ao terceiro namorado provocava logo a repulsa social e passava a ser "uma moça falada". A melhor educação feminina — a das classes altas, oferecida por freiras estrangeiras, garantia o conhecimento do francês para as ameaçadas de salão e leitura de romances "rose", e a prática de bordados e uma pintura horrível. Até instituições respeitáveis como o Banco do Brasil recusavam a colaboração feminina. No presente, quando vejo moças ativas na política, nas Forças Armadas, lanço o desafio: houve ou não houve progresso? Pensem na mulheres que sofrem a pressão obscurantista de todos os fundamentalismos, de modo especial, o árabe, e assimilarem a diferença.

No campo da educação,

Legislativa e seus parlamentares são deputados. Só os senadores e os deputados federais não têm desvio de funções. Isso é a autonomia política que está escrita na Lei Maior.

Já a política de finanças públicas é uma incógnita. Arrecadamos um expressivo volume de impostos e vemos de uma "mesada" do Governo Federal que mal paga as suas exigências.

Espero que os congressistas brasileiros, esclarecidos pelos parlamentares do Distrito Federal, dotem esta unidade da Federação com tratamento semelhante aos outros estados brasileiros. Temos a necessidade urgente de oferecer um projeto de desenvolvimento para toda essa gente desempregada das cidades-satélites e entorno de Brasília e só a autonomia financeira poderá trazer uma melhor realidade para todos nós.

A capital do País vive uma crise de identidade: não é cidade, mas tem uma Lei Orgânica e um governador, não é estado e tem uma Câmara,

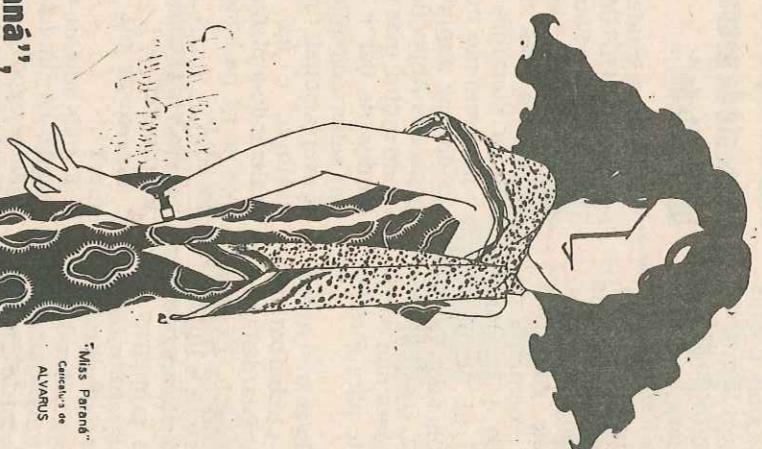


Maurílio
Silva
PP

Sabemos que o Desenvolvimento de uma Comunidade Integrada está ligada ao seu passado. Brasília tem 33 anos de existência e possui uma população em torno de 2 milhões de habitantes, sendo uma das maiores metrópoles do planeta. É uma cidade nova e, no início, foi projetada para conter 200 mil habitantes até o ano 2000. Entretanto, o que ocorreu com a nossa Capital Federal foi um verdadeiro fenômeno inexplicável, porque o que assistimos ao longo de curtissima história, não passou de um "corre-corre" dos brasileiros ao

a "primeira-dama" das cidades brasileiras ou um novo Estado. Se necessário for.

**Alvarus,
"Miss Paraná",
1930. Desenhos
retirados de revistas
do tempo e do
reprint que
José Mindlin fez
de "Klaxon" e da
Revista
de Antropologia"**



"Miss Paraná"
ALVARUS

e promissora Universidade do Distrito Federal que foi logo fechada, acusada de pregar ideias subverdadeiras...

Achei que era interessante trazer estes dados, bastante conhecidos mas poucos usados na reflexão dos contemporâneos, ao apresentar uma

palestra sobre o modernismo de 22. É verdade que ela se referiu à modernidade literária, mas já foi visto e inclusivamente reconhecido por político marcante brasileiro — Getúlio Vargas — o relacionamento entre o modernismo de 22 e a revolução de 30. A Se-



Padre
Jonas
PP

interior do Planalto Central. Ora, afirmar que o Distrito Federal deverá ser "financeiramente autônomo na revisão constitucional", seria uma aberração e até mesmo uma ironia de nossa parte. Achamos que o mais correto, dentro de nossos limites, é haver uma consulta prévia a todas as entidades de expressão no contexto brasiliense, pois, a partir desta consulta, o julgamento final será bem mais fácil para os Poderes Constituídos. Achamos, também, que antes dessa consulta prévia, a situação da Região do Entorno já esteja estabelecida nos moldes de uma "Capital do 3º Milênio".

Além disso, destacamos que é preciso lembrar que o nosso Distrito Federal está estruturado nos principais de uma Metrópole que avança no tempo, assistida pela União, visto que abriga os Poderes da República e é o Centro das decisões de um país de área continental, com uma área de 0,678% da área brasileira e não devemos, de modo algum, tomar

medidas intempestivas.

Revisão constitucional

Interior do Planalto Central. Ora, afirmar que o Distrito Federal deverá ser "financeiramente autônomo na revisão constitucional", seria uma aberração e até mesmo uma ironia de nossa parte. Achamos que o mais correto, dentro de nossos limites, é haver uma consulta prévia a todas as entidades de expressão no contexto brasiliense, pois, a partir desta consulta, o julgamento final será bem mais fácil para os Poderes Constituídos. Achamos, também, que antes dessa consulta prévia, a situação da Região do Entorno já esteja estabelecida nos moldes de uma "Capital do 3º Milênio".

Além disso, destacamos que é preciso lembrar que o nosso Distrito Federal está estruturado nos principais de uma Metrópole que avança no tempo, assistida pela União, visto que abriga os Poderes da República e é o Centro das decisões de um país de área continental, com uma área de 0,678% da área brasileira e não devemos, de modo algum, tomar

maneira de Arte Moderna de 22 é simétrica com o levante do Forte de Copacabana. Pode-se dizer que o movimento modernista se desenvolveu **para passar** ao revolucionarismo tenentista e à fermentação do PDI (Partido Democrático de São Paulo), enfim, a todas as forças politicamente renovadoras e às vezes messianicas que projetavam a derrota da República Velha.

Em 1942, Mário de Andrade, um dos líderes da Semana de Arte Moderna de 22, e também a figura mais importante da turma promotora do evento, do ponto de vista da cultura, da erudição, e porventura da criatividade, comemora o 20º aniversário do portentoso e discutido acontecimento, com uma conferência intitulada O MOVIMENTO MODERISTA, que constitui uma avaliação honesta dessa linha de pensamento e ação, e, mais do que isto, é um testemunho pessoal impressionante. Essa conferência tornou-se naturalmente um estudo do modernismo brasileiro. Há neles apreciações e julgamentos que dificilmente poderão ser rechaçados. Começa o polígrafo — que, sem excesso, podemos qualificar de genial — apontando que esse movimento especialmente dos documentos básicos para o estudo do modernismo brasileiro. Há neles apreciações e julgamentos que dificilmente poderão ser rechaçados. Começa o polígrafo — que, sem excesso, podemos qualificar de genial — apontando que esse movimento especialmente artístico **manchou** os costumes sociais e políticos e "foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional". Contudo, Mário não deixa de notar que houve primeiro "a pré-consciência e em seguida a convicção de uma arte nova, de um espírito novo, desde pelo menos que vieria se definindo... no sentimento de um grupinho de intelectuais paulistas".

É claro que o autor de MACUNAMA está se referindo aos fatos que antecederam a

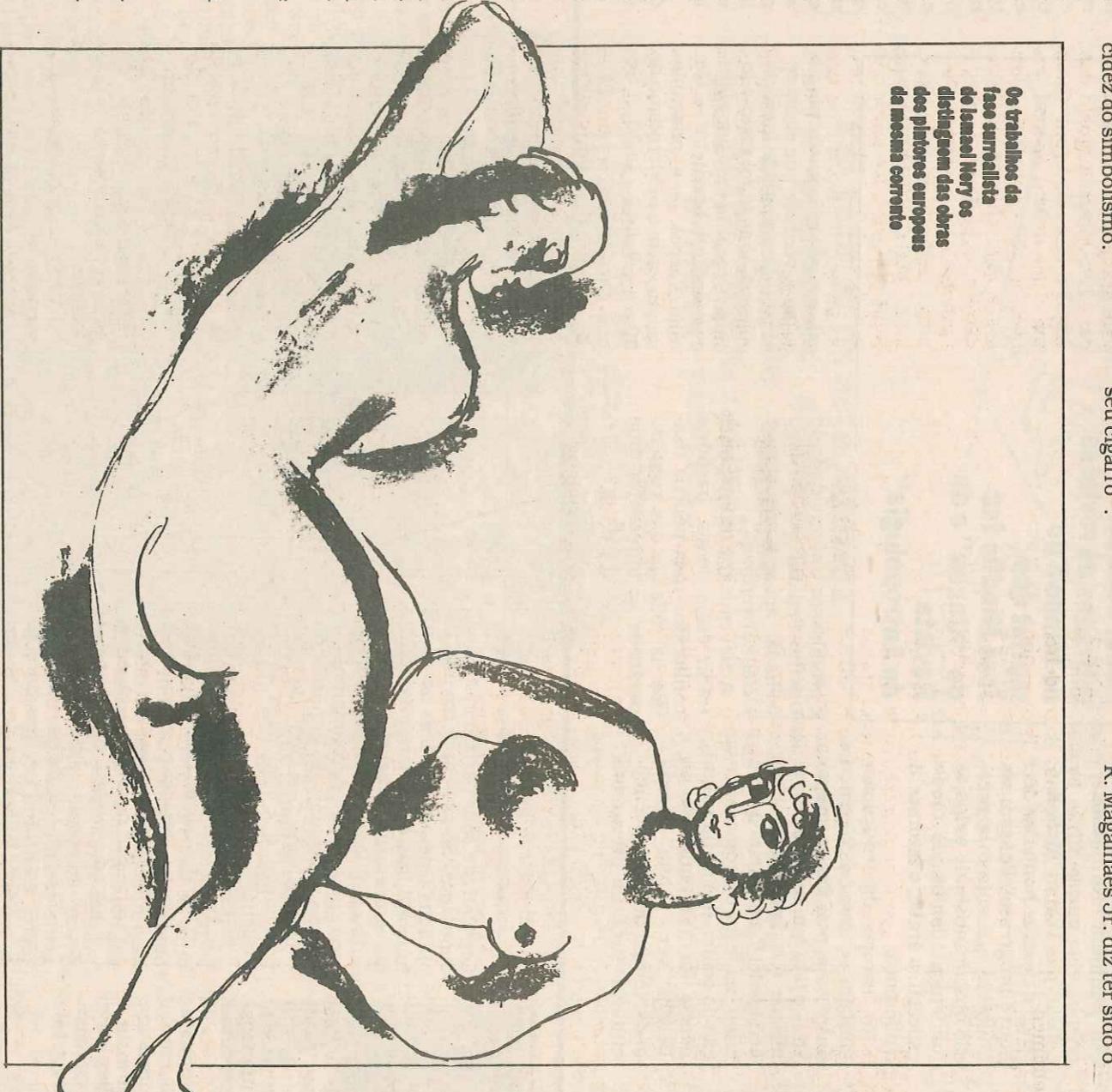
Semana — a exposição de Lazar Segall, a mostra mais sensacional ou escandalizante da protomártir Anita Malfatti, o artigo infeliz mas exageradamente malinterpretado de Monteiro Lobato e a descoberta de Brecheret. No entanto, parece-me que o conteúdo revolucionário, vanguardista, nessas atividades deriva predominantemente do setor soneto parnasiano. As letras do tempo eram mais lentas na sua evolução, mais conservadoras. Formalmente, JUCA MULATO deve muito ao classicismo rostandiano, grandiloquente de Júlio Dantas — o Época" e "sorriso da sociedade". NÓS, de Guilherme de Almeida, responde ao pó de arroz de Paul Géraldy...Ronald Carvalho também fez o serviço militar do parnasi-nismo. Não se deve deixar de dizer que Menotti, Guilherme e Ronald, intrinsecamente não tiveram a ver com o modernismo. Sua mentalidade, esteticamente, era passadista. Dos três, o que mais se aproxima do modernismo, é mesmo assim com delicadeza cavalheiresca, é Ronald. Seus EPICRIMAS IRÔNICOS E SENTIMENTAIS contêm ressonâncias impressionistas. A explosão na poesia do modernismo, entre nós, realmente surgiu com PAULICÉIA DES-VAIRADA, que Oswald de Andrade chamou de futurista — e de fato tem muito de futurista. Desta maneira começou a poesia de vanguarda entre nós...

Mas, a meu ver, no princípio do século, começou a surpresa, no nôssulo ambiente literário, um desejo de repelir o neo-parnasianismo deslumbrante de Martins Fontes, meu conterrâneo. Foi o primeiro poeta importante que conheci pessoalmente. Esse se caracterizava por uma busca da limpidez e da autenticidade individual. O infortunado Hermes Fontes, exaltado por sua poesia delirantemente "Art Nouveau", que vezes chegava ao plano do bêbado gílico, pretendeu evoluir para uma poesia transparente, fluente, líquida. Mas só a atingiu em A FONTE DA MATA, publicado em 1930! "Depois de longa ausência e penosa distância, via fonte da mata, de cuja águia bebi, na minha infância.

E que melancolia nessa emoção tão grata! Ver — constância das cou-sas, na inconstância... ver que a Poesia é uma se-gunda infância, e que toda a poesia... vem da fonte da mata..."

"Nada me dá mais a evidência do progresso que a ascensão social da mulher — vítima de opressão milenar, no Brasil, no Ocidente".

SÉRGIO J. JESÚS S. & SISTEMAS



Os trabalhos da fase surrealista de Ivens Lery es distinguem das obras dos pintores europeus da mesma época

Na década de 30, surgem também os últimos livros de Martins Fontes, que procuram um novo classicismo, em suma, a simplicidade com a dignidade clássica.

No entanto, os dois poetas do princípio do século que vão granjejar a consagração definitiva foram Augusto dos Anjos e Raul de Leoni. Cada um deles deixou apenas um livro, matéria suficiente para a sua imortalidade, não acadêmica, e portanto mais garantida.

"Eu e Outros Poemas", de Augusto, é de 1914. LUZ METERRÂNEA, de Raul de Leoni, foi publicado exatamente em 1922. O seu aparecimento nessa data não constitui um convite para a reflexão?

Pondo de lado as invenções características e rebarbativas dos grupos vanguardistas — futurismo, cubismo, expressionismo —, tenho a impressão de que os melhores poetas brasileiros das primeiras décadas manifestaram um ideal de sinceridade e simplicidade (uma linguagem natural e direta) que nada mais tinham a ver com a dureza e artificialismo do Parnaso nem com a flacidez do simbolismo.

"Vês? ninguém assistiu ao formidável enterro de tua última quimera".

E mais adiante essa naturalidade da linguagem ainda mais se expõe: "Toma um fósforo. Acende seu cigarro".

O amor na humanidade é uma mentira.

E. E. é por isto que na minha lira

De amores futeis poucas vezes

e mais: "Ah! um urubu pousou na minha sorte!"

Raul de Leoni, que troca as obscuridades oníricas de Augusto dos Anjos, por claridades gregas, pagas, comparilha com o coetâneo na imediatice da linguagem, como se pode ver neste soneto "História Antiga":

"No meu grande otimismo de inocente, realizei-o plenamente. É o caso em São Paulo a um interessante espetáculo que apresentava uma teatralização da poesia de Augusto dos Anjos. Curiosamente acentuava o seu aspecto kitsch."

O poeta do "EU" também oria o fantasmagórico meio sínistro — penso nas gravuras de Marcelo Grassman — com uma força, neste gênero, inédita em nossa poesia. É o caso de "O Caixão Fantástico" e "O Último Número", misterioso testamento poético, que R. Magalhães Jr. diz ter sido o

Frases curtas, enjambements, interrogações, exclamações, vocativos, reticências, repetições, procuram dar aos poemas em questão a desenvoltura da conversa comunicativa.

Versos poderosos, sugestivos e bem próprios, como estes pontilham a sua obra:

"Ah! esta noite é a noite dos Vencidos"

A melhor revisão da literatura alemã é à assessoria de literatura alemã, elaborado por Anatol Rosenfeld, o tenha comparado aos expressionistas germânicos.

Versos poderosos, sugestivos e bem próprios, como estes pontilham a sua obra:

Re

seu último soneto. Dito a um amigo pois já não tinha mais forças para escrevê-lo no papel. É natural que o grande sábio de literatura alemã, Anatol Rosenfeld, o tenha comparado aos expressionistas germânicos.

Brasília, 08 de outubro de 1988

Pedro Celso-PT

A melhor revisão da literatura alemã é à assessoria de literatura alemã, elaborado por Anatol Rosenfeld, o tenha comparado aos expressionistas germânicos.

Re

cursos da literatura alemã, elaborado por Anatol Rosenfeld, o tenha comparado aos expressionistas germânicos.

A revisão da literatura alemã é à assessoria de literatura alemã, elaborado por Anatol Rosenfeld, o tenha comparado aos expressionistas germânicos.

Re

Peniel Pacheco PTB

Para o constitucionalismo, o privilégio de atingir a criação de uma literatura alta e autêntica, legítima expressão do que se pode chamar de uma civilização brasileira. Peço o contrário, sempre estranhei que os líderes do modernismo omitissem a importânciam da obra de arte brasileira, do romance O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, de Lima Barreto, que nos apresenta um Quixote brasileiro, tanto anos antes do aparecimento dessa outra nota: figura quixotesca do Nordeste: o capitão Vitorino Papa Rabo desse painel transfigurado da decadência que é FOGO MOR. Evidentemente, os modernistas da primeira hora só valorizavam as novas invenções estéticas do modernismo, de inspiração europeia. É sabido que só depois de 24, os modernistas aristocratas e aristocratizantes começaram a cair na real... isto é, a perce-

sentadoria. A revisão da literatura alemã é à assessoria de literatura alemã, elaborado por Anatol Rosenfeld, o tenha comparado aos expressionistas germânicos.

Re

**Pedro Celso-
PT**



A melhor defesa de repasse de recursos da União para o DF é a não revisão constitucional. A revisão só interessa ao gigantesco lobby conservador e às forças contrárias à regulamentação de pelo menos 150 artigos elaborados pela Assembleia Constituinte de 88, que ainda não entraram em vigor.

O PT, juntamente com a OAB, CNBB, CUT e ABI, recorrerá à Justiça para impedir a revisão. Afinal, os deputados e os senadores não foram eleitos para elaborar uma nova constituição. De olho nas conquistas de 88, o que mais nos preocupa é o elenco de propostas da Fiesp.

A Fiesp defende uma revisão a cada cinco anos, ou seja, quer que a Constituição tenha a rotatividade de um hotel. E mais: propõe um sistema tributário injusto, do ponto de vista social, excludente, na medida em que defende uma previdência estatal para quem ganha apenas um salário mínimo e idade mínima de 65 anos para apresentadora.

A revisão, por sua proposta, é totalmente prejudicial à classe trabalhadora, pois servirá para que a elite elaborada para os oligopólios, os cartéis e as multinacionais.

**Peniel Pacheco-
PTB**



Para o Distrito Federal, a revisão constitucional tem uma importância precipua: a questão econômico-financeira. Criada como cidade exclusivamente administrativa, Brasília nunca ampliou sua base econômica a ponto de financiar os serviços de educação, saúde e segurança pública, que são custeados pela União.

Essa situação nasceu com a própria Capital Federal. O então presidente Juscelino Kubitschek, através de ato administrativo, comprometeu a União a arcar integralmente com as despesas de saúde e educação do DF. Mas na prática isso ocorre de forma insuficiente, inclusive por causa da séria crise econômica que o País atravessa. É preciso, na revisão constitucional, garantir ao DF a doação de recursos para educação e saúde. Mas, também, não podemos prescindir de busca de soluções consistentes a longo prazo. E é agricola para o Distrito Federal, sem alterar, evidentemente, as características urbanas do Piano Piloto e tanto pouco pôr o ar.

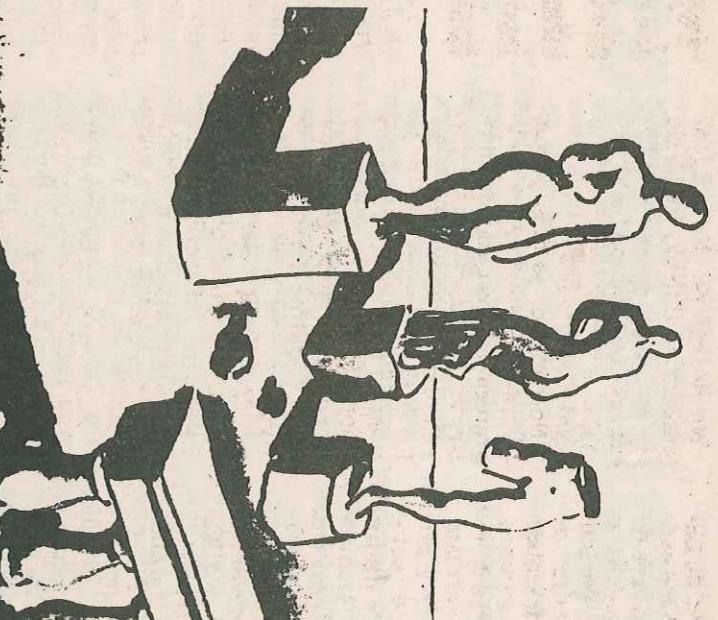
Brasília não pode continuar sendo uma cidade meramente administrativa, e sim uma cidade desenvolvimentista, com um polo industrial e agrícola que absorva a mão-de-obra. Isso será possível com incentivos fiscais e outras vantagens para os empresários que querem investir aqui.

ber que não se poderia criar uma arte brasileira importante sem antes descobrir o Brasil... A descoberta do Brasil pelos modernistas se tornou, por conseguinte, uma das conquistas mais significativas da Literatura Brasileira.

Além disso, é preciso salientar um aspecto da nossa história literária a que os nossos primeiros modernistas deram pouca atenção: isto é, que o primeiro esforço nacionalizador dos românticos não foi totalmente apagado pelos parnasianos, como revelam "VIA LACTEA", de Bilac, e ROSA, ROSA DE AMOR, de Vicente de Carvalho. Não notaram também os modernistas as sementes de inquietação genuina no alvorecer do século que prometiam auspiciosa germinação. A esta fase de ansiedade criadora acabou-se finalmente dando definitivamente dando a de ontem a de pré-modernismo. Dedicou-lhe um estudo lúcido e sensível Alfredo Bosi. Portanto, não houve excesso de magnanimidade quando Oswald de Andrade — o duplício Oswald, capaz das maiores injustiças, mas também dos gestos mais generosos — apontou Monteiro Lobato como o primeiro modernista no Brasil. Sim, ele que ao criar Jeca Tatu — que pretendia ser uma caricatura — nos oferece, desavasadamente, a figura emblemática da tragédia brasileira: o caboclo, habitante do interior do país, o representante lúdico de um povo sem terra numa terra sem povo. Lendo VIDAS SECAS, pude notar, como Fabiano, na sua quase subhumana, se parece com Jeca Tatu. O ufanismo protestou logo com insanía — desmascarado! Mas Rui Barbosa, não obstante ser um erudito de gabinete, não se deixou encantado e reconheceu a autenticidade desse brasileiro degradado. Tão autêntico e presente que o vejo agora todas as manhãs em certas quadras de Brasília, em calçadas e gramados, onde, instalado, come, dorme, ama e defeca.

Esta defesa que faço do pré-modernismo não é recente. Fiz exatamente há 50 anos ao realizar a minha primeira palestra sobre a poesia modernista brasileira. Parte do meu texto se perdeu nas minhas andanças mas felizmente ficou a crítica que lhe fez pessoa ilustre e especialmente interessada no assunto: Mário de Andrade. Vou refer aqui o princípio dessa carta inédita. É dirigida para Miroel Silveira, meu conterraneo e querido amigo. Manifesta-se assim Mário sobre a palestra do jovem escrivão provincial: "São Paulo 11 de setembro de 1942. Miroel querido: Me levanto da cama pra lhe escrever já-já. Ontem deitado, que a doença, creio que fígado, não sei, não chamo médico, ando excessivamente sem vontade pra nada, é essa

Ismail Nery, desenhos a nancín e a guache, 1930. Coleção particular ISP.



"No princípio do século começou neoparnasianismo deslumbrante a repelir o

**neoparnasianismo
deslumbrante
literário, um desejo de
repelir o**

Martins Fontes"

guerra, essa guerra. Recebi sua carta e lá imediatamente a conferência. Sem ser nada condescendente, achei notável. No entanto, os dois poetas do princípio do século que vão granjejar a consagração definitiva foram Augusto dos Anjos e Raul de Leoni. Cada um deles deixou apenas um livro, matéria suficiente para a sua imortalidade, não acidental, e portanto mais garantida. "Eu e Outros Poemas", de Augusto, é de 1914. LUZ MEDITERRÂNEA, de Raul de Leoni, foi publicado exatamente em 1922. O seu aparecimento nessa data não constitui um convite para a reflexão?

Ponto de lado as invenções

características e rebarbativas

dos grupos vanguardistas — futurismo, cubismo, expressionismo —, tento a impressão de que os melhores poetas brasileiros das primeiras cadas manifestaram um ideal de sinceridade e simplicidade (uma linguagem natural e direta) que nada mais tinham a ver com a dureza e artificialidade do Parnaso nem com a flâmula do simbolismo.

A releitura cuidadosa e encantada dos ÚLTIMOS SÓNOS, de Cruz e Sousa, — uma das obras mais poderosas e porventura, das mais originais da literatura brasileira, — mostram-me mais titanismo do que simbolismo. O gosto dos Anjos ficou lhe devendo muito, mas progride no sentido de dar à sua poesia um sabor coloquial, um tom conversacional, sugerindo o diálogo, e às vezes até realizando-o plenamente. É o que se vê no soneto "Versos íntimos":

"Ves? ninguém assistiu ao formidável entero de tua última quinta."

E mais adiante essa naturalidade da linguagem ainda mais se expõe:

"Toma um fósforo. Acende seu cigarro".

Frases curtas, enjambements, interrogações, exclamações, vocativos, retiências, repetições, procuram dar aos poemas em questão a desenvoltura da conversa contum. Cito uns versos do soneto "Idealismo":

"Falas de amor e eu ouço

tudo e calo.

O amor na humanidade é uma mentira.

É. E é por isto que na minha

lira

De amores fúteis poucas vez

fazem.

O amor! Quando virrei por

fiim a amá-lo?"

O poeta do "EU", também bom número de anos, assistia em São Paulo a um interessante espetáculo que apresentava uma teatralização da poesia de Augusto dos Anjos.

Curiosamente acentuava o seu aspecto *Kitsch*.

O poeta do "EU", também criava o fantasmagórico metrô sinto — penso nas gravuras de Marcelo Grassman — com uma força, neste gênero, inédita em nossa poesia. É o caso de "O Caixão Fantástico" e "O Último Número", mistérios testamento poético, que R. Magalhães Jr. diz ter sido o seu último soneto. Ditado a um amigo pois já não tinha mais forças para escrevê-lo no papel. É natural que o grande sabedor de literatura alemã, Anatol Rosenfeld, o tenha comparado aos expressionistas germânicos.

Versos poderosos, sugestivos e bem próprios, como estes pontilham a sua obra:

"Ah! esta noite é a noite dos Vencidos" e mais:

"Ah! um urubu pousou na minha sorte!"

Raul de Leoni, que troca as obscuridades ominosas de Augusto dos Anjos, por claridades gregas, pagás, comparativamente ao coetâneo na imediatização da linguagem, como se pode ver neste soneto "História Antiga":

A inflação não tem causa, mas pretexto

Fernando Tolentino

Se correr, o bicho pega; se ficar, o bicho come. Frustrou-se a reposição integral dos salários, mas nem por isto declinaram os preços antes majorados com tal alegação. Inflação no Brasil é assim.

Não precisa de causa, mas de pretexto. Tanto que, se motivada por salários, não desembalaria após tão longo arrocho. Pois só a hipótese de aprovação da reposição já justificou novo impulso nos preços.

Na verdade, a inflação serve aos setores mais poderosos da economia, para extorquirem mais do custos, mas a mera presunção disto. Daí, há sentido quando economistas (e Governo) acusam como inflacionária a reposição de 100%. Nem foi a reposição, mas a afirmação da proposta, que gerou nova disparada nos preços.

Por mais que se estigmatize quem questiona a livre iniciativa, não há como negar a falta de controle da sociedade (e do Estado) sobre quem arbitra preços como a maior causa da inflação. O debate chegou a apontar na direção certa quando o ministro Fernando Henrique propôs o aprofundamento da **política de rendas**: um acordo entre lucros, juros, impostos, tarifas, aluguéis e salários. A ideia fez água pela falta de instrumentos de coerção e, é claro, de colaboração do empresariado.

Passada a temporada de desenfreada rapina, 1. falsas promessas e oportunismos, não custa mais, impedir ainda maior queda no poder aquisitivo dos trabalhadores.

A tão decantada livre negociação só protege dinâmicos da economia, uma situação nada parecida com realidade nacional. Uma proposta mais plausível pode ser a garantia de 100% de reajuste sobre o faturamento nominal do empresário. A justaria os salários no mesmo nível do crescimento de seu faturamento, o mesmo fazendo o governo com a arrecadação e os bancos com a captação. Ganham, assim, os empresários que querem crescer com a sua atividade, contando com seus empregados para isto, e os trabalhadores, com a garantia de preservação dos salários. Ganha também o Governo, com a solidariedade dos trabalhadores ao controle da sonegação fiscal. E, diante da avidez dos empresários, a compreensão dos salários deixa de ser a causa real de lucros fáceis.

■ Fernando Tolentino é jornalista

■ servidor da Câmara Legislativa.



Rose Mary Miranda
PP

Apesar de entender que, neste momento, a revisão constitucional deixa antevar dúvidas e provoca apreensões — dai a polêmica que tem gerado — em função de 1993 ser um ano pré-eleitoral, esperamos que o Congresso, seu parlamentares, tenham o bom-senso e a responsabilidade de não transformar a nossa Constituição num clientelista e que não se deixe levar pelo perigoso caminho do corporativismo.

Com a revisão constitucional a nossa preocupação básica, fundamental, é garantir os direitos sociais,

tão caros ao nosso povo. Neste capítulo, uma atenção especial: os direitos da mulher. Na condição de vice-presidente da Câmara Legislativa temos pautado nossa atuação no DF pela defesa intransigente dos direitos da mulher: temos nos dedicado a revelar, denunciar, condenar, a violência que se prolifera cada vez mais contra as mulheres. E, na expectativa da revisão constitucional, não poderíamos deixar de manifestar este sentimento.

É preciso estabelecer de uma vez por todas — e colocar em prática — que as mulheres têm os mesmos direitos que os homens.

Salviano Guimarães
PSDB

Apesar de entender que, neste momento, a revisão constitucional deixa antevar dúvidas e provoca apreensões — dai a polêmica que tem gerado — em função de 1993 ser um ano pré-eleitoral, esperamos que o Congresso, seu parlamentares, tenham o bom-senso e a responsabilidade de não transformar a nossa Constituição num clientelista e que não se deixe levar pelo perigoso caminho do corporativismo.

Com a revisão constitucional a nossa preocupação básica, fundamen-

tal, uma atenção especial: os direitos da mulher. Na condição de vice-presidente da Câmara Legislativa temos pautado nossa atuação no DF pela defesa intransigente dos direitos da mulher: temos nos dedicado a revelar, denunciar, condenar, a violência que se prolifera cada vez mais contra as mulheres. E, na expectativa da revisão constitucional, não poderíamos deixar de manifestar este sentimento.

É preciso estabelecer de uma vez por todas — e colocar em prática — que as mulheres têm os mesmos direitos que os homens.

Salviano Guimarães
PSDB

A reforma tributária é outra de nossas preocupações. Setores responsáveis pela economia têm manifestado a necessidade de mudanças de forma a permitir que o País encontre, finalmente, o caminho contra a inflação. É o que desejamos, alertando apenas para um aspecto: na reforma fiscal o povo não pode, mais uma vez, ser o grande sacrificado.

Voltamos a insistir num assunto que vem despertando interesse por parte de amigos escritores. É ainda sobre o problema do total desconhecimento e falta de intercâmbio entre escritores das várias regiões brasileiras. Quais os novos e bons escritores, poetas, ensaístas que estão surgindo no Brasil de hoje? Não há canais de comunicação entre as áreas culturais no país. Nem revista que promova a aproximação entre escritores, artistas, produtores culturais em geral. Nem simples boletim. Absolutamente nada. De modo geral, ninguém conhece ninguém das áreas culturais do sul do país, do Centro-Oeste, do Nordeste, do Norte. Meia dúzia de amigos não representa nada no computo geral.

É evidente que se deve colocar — como exceção — o que se faz no eixo Rio-São Paulo. Os grandes jornais, emissoras de televisão e rádio enchem todos os momentos com informações do que se faz ali e se divulga fartamente pelo país inteiro. Raramente um escritor novo, um poeta original, um ensaísta vigoroso e profundo aparecem. Porque não interessa a mídia divulgarlos — o que é injustiça clamorosa.

O que estamos tentando fazer é chamar a atenção dos intelectuais para esse enorme vazio no setor de comunicação entre as outras áreas culturais isoladas. Como despertar os líderes da cultura para o fenômeno negativo da informação no país?

O Ministério da Cultura — que

teve um intelectual da magnitude de Antonio Houaiss à sua frente — bem poderia voltar-se para o problema e procurar soluções viáveis e adequadas.

Coincidemente, uma voz poderosa — a do notável escritor, poeta e conferencista Cassiano Nunes, de Brasília — veio juntar-se a nós nesse apelo em favor dos escritores e artistas esquecidos. No artigo "DE BRASÍLIA PARA O BRASIL", Cassiano propõe verdadeira revolução de novos bandeirantes culturais para o conhecimento do que se vem fazendo no interior brasileiro. Afirma — com aquele desassombro peculiar — que "os caranguejos da intellectualidade brasileira continuam frequentando apenas o litoral". O interior do país permanece abandonado. Lembra o grande momento do Modernismo, quando escritores das mais distantes regiões apareceram "com forte sentido de unidade do Brasil". Frisa que Brasília foi construída "para importante" e dinamização do interior". Propõe programa que leve notícia "às outras regiões do Brasil, do caráter e da criatividade brasileiros." O plano — acrescenta — "indiferente ao 'rush' das multinacionais e resistente ao imperialismo do eixo Rio-São Paulo, divulgaria nossos poetas, artistas plásticos, músicos, bailarinos, folcloristas, etc." Textualmente, conclui: "Todas as regiões do Brasil contam com a boa vontade daqueles que promovem a cultura no Brasil".

Em carta recente (18.1.93), Cassiano Nunes comentou: "Meu artigo 'DE BRASÍLIA PARA O BRASIL' relaciona-se naturalmente com o seu sobre Bernardo Elis e os golanos. Precisamos desmascarar o imperialismo do eixo Rio-São Paulo. Por sinal, acabo de receber cartaz-circular do Alfonso Romano de Sant'Anna, diretor da Biblioteca Nacional, anunciando revista semestral de Poesia que visa isto justamente: acabar com os guetos e essa dominação. Vamos ver o que vai sair daí. Seu artigo é ótimo, portanto. Temos afinidades profundas. Vamos continuar este duro trabalho de esclarecimento e união brasileira. Envie seu artigo ao Mindlin e ao Alfonso Romano de Sant'Anna."

Ai está dito tudo. Não é possível que numa população de mais de 140 milhões de pessoas não existam figuras respeitáveis de intelectuais que infelizmente permanecem ignorados pela discriminação. Pela falta de veículos de comunicação os produtores culturais definham e desaparecem. Sem comunicação não há estimulo e as culturas se estiolam. Sem comunicação continuaremos para sempre hipersubdesenvolvidos.

Veríssimo de Melo é escritor e atual presidente do Conselho Estadual de Cultura/RN.

Veríssimo de Melo Falta comunicação entre regiões culturais brasileiras

Artigo

Falta comunicação entre regiões culturais brasileiras



Veríssimo de Melo
SIL

Quando se fala da dependência financeira do DF em relação à União, tem-se muitas vezes argumentado equivocadamente. Não se trata de argumentar no sentido de que a União não paga IPTU ao GDF e tampouco os serviços urbanos, enquanto ocupa uma parte importante da cidade com seus órgãos funcionais. A União tem passado recursos orçamentários, inclusive os recursos oriundos de obrigações constitucionais, em valores superiores a US\$ 1 bilhão por ano. Falou-se muitas vezes em dependência econômica, quando de fato o DF é economicamente independente da União, pois gera

renda no setores secundário e terciário capaz de prover US\$ 2,5 bilhões em impostos federais. Essa confusão não engolante é exatamente neste fato que reside o cerne da questão.

O que o DF não possui é capacidade financeira, pois as disposições normativas de distribuição do Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal, estabelecidas desatualizadas em relação à profunda mudança produzidas pela Constituição de 1988. A revisão da atual Constituição terá que proporcionar ao DF condições para sua independência financeira, com a modificação das disposições sobre os Fundos de Participação dos Estados e Municípios, sem o que a Constituição de 1988 é meramente retórica.

Enquanto o Distrito Federal não conseguir a sua autonomia financeira estaria permanentemente de pires na mão diante de situações dramáticas como as greves, sem condições de resolver seus próprios problemas e, portanto, eternamente dependente da União.

**Tadeu Roriz-
PP**



O Distrito Federal cumpre um importante papel no desenvolvimento econômico e social do Planalto Central e de todo o Brasil, integrando e interligando os estados e, ao mesmo tempo, dando condições de sobrevivência a milhares de migrantes que chegam à cidade todos os anos.

Essa prerrogativa somente é possível devido à transferência de recursos repassados pela União a nossa cidade, que representa cerca de 50 por cento do nosso orçamento, para garantir a Educação, a Segurança e a Saúde no Distrito Federal.

Não se trata de um privilégio, como muitos defendem, mas uma condição

minima e necessária para que o DF, uma cidade sem indústria, agricultura e receitas suficientes, possa abrigar a Capital da República e ainda servir como alavanca impulsora do desenvolvimento do Centro-Oeste.

A revisão constitucional poderá repercutir um perigo para o DF, caso os parlamentares federais aprovem o fim da transferência desses recursos da União. Será transformar o Distrito Federal num dos estados mais pobres do Brasil.

Por essa razão, acredito que a Comissão Especial, formada por deputados distritais, para defender os interesses do Distrito Federal e dos brasilienses na reforma da Constituição Federal, deve semphar papel fundamental na consolidação definitiva da nossa cidade.



**Wasny de Roura-
PT**

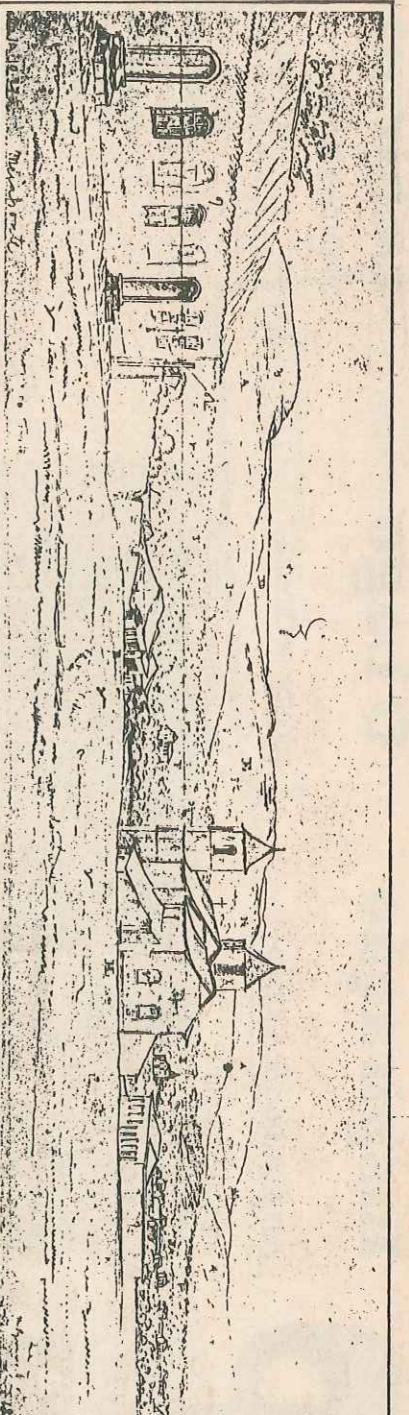
Como integrante do Partido dos Trabalhadores, nosso pensamento a respeito da revisão constitucional é a de que a mesma, se for feita ainda este ano, como querem as elites, não passa de monobras dos setores conservadores da sociedade para viabilizar as medidas que golpe dado por um Congresso em final de mandato.

De pouco adiantará querer mudanças na Carta Magna feitas a toque de caixa, antes das eleições de 94 que deverão renovar o Congresso Nacional e eleger o novo Presidente da República. O Congresso que aí está não pode se outorgar o direito que não lhe foi dado de mudar a Constituição, pois mesmo que isto seja legal não é legítimo.

A garantia, portanto, da autonomia

financeira do DF na revisão constitucional deverá passar, pela revisão do próprio quadro dos políticos que compõem o Congresso, através de eleições limpas que expressam a vontade popular.

De nada adiantará fazer mudanças na Carta Magna agora, pois é sabido que através da revisão já algumas querem acelerar as privatizações, dar mais espaços ao capital estrangeiro, reduzir a carga tributária sobre o capital e até mesmo mudar as regras do jogo político, a cada reeleição com os dois turnos e permitindo a reeleição para os executivos.



Uma surpresa em Goiás

De repente, na estrada de Pirenópolis, aparece u ma enorme quebra d'água, um vale, cachoeiras, pedras, buritiz e restos de floresta. Barulho de águas caindo no penhasco. É o Rio Corumbá, de águas limpíssimas, que vem do alto, num e despensa pirambeira abaixo.

Logo à frente, surge no horizonte uma cidadezinha antiga, de cartão postal: Corumbá de Goiás — território de bandeirantes, ouro e aventuras. Hoje, uma velha igreja de feição portuguesa domina o casario bordado na encosta do monte. É um lugar cheio de histórias, folclore, tradições. Fiquei sabendo que as Cavalhadas de Corumbá movimentam a cidade durante uma semana de festas, com o povo do lugar e muita gente de fora.

Na língua dos primitivos habitantes da região, os índios goianos, Corumbá significa "a minha morada, o meu lar, a minha terra". Como se sabe, o Brasil tem outra Corumbá, muito maior, porta de entrada no Pantanal, Mato Grosso do Sul.

Entre fascínios diversos, Corumbá de Goiás desata-se na literatura como pouquíssimas cidades. É terra de gente famosa:

Bernardo Élis, contista, romancista, membro da Academia Brasileira de Letras, um dos grandes escritores do nosso país — e José Jacinto Veiga, mais conhecido como J.J. Veiga, mestre do fantástico na literatura brasileira, com "Os Cavalinhos do Plantão", "A Sombra dos Reis Barbados" e outros livros de sucesso em diversos países.

Depois de morar muito tempo em Londres, Veiga fixou-se no Rio de Janeiro, mas sempre volta às origens, nas margens do Co- rumbá. Bernardo Élis, um

provinciano convicto, morava em Goiânia. E raramente sai de lá. É gente da terra.

De origem humilde, um menino de Corumbá de Goiás foi parar em Bom Despacho, Minas Gerais, em busca de aventuras e

de vitórias. Começa logo na política, depois de trabalhar num colégio. Conquista uma cadeira na Câmara Municipal — vereador mais votado — e governa a cidade pela segunda vez, na esteira da consagração popular. Seu nome: Célio Luquine, de remotas origens na Itália. É uma espécie de Maquiavel e de Iris Rezende. Florença e Goiás nos domínios de Bom Despacho, outro chão do Brasil.

A nossa Corumbá de Goiás é um lugar de casas e moradas antigas, ruas estreitas, muita paz, um cine-teatro e uma Ban- da de Música com mais de cem anos de existência!

Chegando à cidade, fomos rezar na Igreja de Nossa Senhora da Penha, padroeira do lugar. Depois, com os encantos da terra, o jeito é ficar no Recanto Golano — Pousada e Restaurante, uma casa alegre, arejada, no largo principal, perto da igreja. Parece uma sede de fazenda antiga. No quintal, pés de chuchu, mangueiras, galinhas, barulho de araras, papagaios e periquitos conversando.

Livres da televisão, fomos jantar uma comida caseira, gostosa. E conversar fiado. Depois, o espetáculo do luar e das estrelas. Vozes distantes de uma serra. O silêncio da noite. Acordamos com os primeiros clarões do dia. Os galos cantando. Badaladas do sino da igreja. Café da manhã com frutas, leite, biscoitos, dos melhores, queijo e bolo de fuba.

Com o sol já alto, fomos para as cachoeiras do Rio

Corumbá poucos quilômetros adiante. Andei lendo — e vendo — que por mais de duzentos anos esta região dos Pirenópolis atraiu bandeirantes e pioneiros à busca de ouro e diamantes. Hoje ergue-se nesta praia um complexo de lazer e turismo — parque ecológico, com hotel, casas, chalés, no meio de praias de areias brancas, cachoeiras, grutas e pequenos lagos de águas tranquilas. Na beira do rio, muita areia com brilhos e vidrilhos, água limpa, gente nadando e brincando.

Muito sol e vento, encantados para as férias deste verão. Caminhar é preciso. Nas pedras e nas águas, vamos andando rumo à cachoeira maior. Subimos a encosta por uma trilha ingreme — coberta de vegetação e de pedras — ate chegar às vizinhanças da grande queda d'água.

É preciso andar com muito cuidado nas proximidades de tanta pedra e tanta água. Áreas de seguranças estão delimitadas com avisos bem visíveis. É só ficar de olhos bem abertos.

O horizonte se fecha. Estamos frente a uma grande muralha de pedras enormes, de formatos diversos, que lembram animais pré-históricos e outras coisas estranhas. Parece que existem grutas, cavernas e galerias escondidas no parque.

Cai uma garoa fina, chuvendo o calor do sol. São águas da cachoeira. Troncos de árvores apodrecem nas águas. De um lado e do outro restos da floresta.

Em cima, uma larga faixa de céu azul. No centro, espiando-se para os lados — e ocupando os espaços da nossa visão — as grandes cortinas de águas

espumantes, rendadas, balrulentas. Bendito barulho de águas revoltas que descem penhasco abacaxi, brindo a muralha de pedras milenares. Esse barulho faz muito bem à gente. Sufoca as mágoas e tristezas. E como nas águas do mar batendo forte na praia e nos rochedos.

O céu, as pedras enormes, as árvores e as águas ocupam todo o nosso horizonte. É uma festa da natureza, para os olhos e a alma. Confesso que tenho vontade de chorar diante de tanta beleza. E choro, como em outros lugares que me trazem emoção. E agradeço a Deus pela vida e pela existência de pessoas como esta, certamente das mais belas do mundo!

Mais tarde, outros passeios: Cachoeira do Ouro, Poço Rico, Garganta do Ouro. todos lembrando uma época de aventuras, de riquezas e misérias do Brasil antigo. Faço descoberta singular: uma cachoeira escondida, quase virgem. Balneáriozinho gostoso, na sombra verde do mato. Arranjei um nome para o lugar: Cascata do Anhanguera. Com certeza, o bandeirante foi lá beber água e descançar. Afinal, ninguém é tanta paz, voltamos para casa com muita saudade de Corumbá. Um dia, outros dias, lá estaremos de novo.

Em verdade vos digo que uma coisa boa é sonhar. Hoje, o meu sonho de verão, a minha vontade mesmo, é ficar para sempre com minha família naquela casinha antiga, de janelas azuis, em Corumbá. Deus. Debaixo deste céu tão bonito, no Planalto Central do meu país.

Inspiração

O Lago

Labirinto de Concreto:

Simão de Miranda

Adaglion Aires de Andrade

Trabalho fiando
meu casulo.
Fio por fio amando.
Insulso essas linhas
que, às vezes, costuram
a boca das palavras.
Outras vezes, lepidópteros
— metamorfoseados de idéias —
filhos do vento,
desenrolam esse carretel,
deixando nus os desejos.
Liberdade das
proparoxítonas.
Liberdade: extra-núvo?
Nessas linhas que me
agarram com a pena
na folha, e a folha que
voa comigo. Digo,
consigo: inspiração.
Talvez um nó
prenda um pedaço
do meu coração.
Talvez tudo que o nó
prenda, é um todo
de uma ficção.

UM

Vicente Sá

Estas águas paradas
em pura aparência:
navegantes ocultas
do próprio ventre.
Águas de tilápia
e outros ciclídios
de boquinhos grávidas
e de dez espinhos.
Estas águas pardas
de rosto poluído
em dias de pasmo
e semblante lívido.
Águas e seus braços
longos no invisível
fugitivos mares
despojados, insípidos.
Águas fantásticas
de navios prenhes
de salinhos pâssaros
no mofo das lendas.
Águas deste Lago
sobre as redes do tempo
colhem prédios e faces
descarnadas no vento.
Águas e mais nada:
só os mitos perfeitos
e estes sonhos pesados
de edifícios e peixes.

Fugaz

Lincoln

Estas lágrimas...
Todas as lágrimas são as mesmas.
As águas de todas as mágoas
desembocam no placido Paranoá.
A cidade incólume
de colete de concreto armado
assalta a multidão multicor
à mão armada.
Traga o homem como o pior cigarro,
sem filtro.
Os prédios fazem cócegas,
arranhando o céu.
Aqui é impossível esquerer-se tudo,
quanto mais se segue, mais a cidade cresce.
Boston, elo
pante da i
Oeste".
Estou ap
com famili
Joanir de C
31 Avon ST
Somerville
02145 - EU

Versos dum tempo menino

Registros, sementes de ontem

Quando eu buscava sem saber

um desembocar para meu sofrer

Pensei dizer não a poesia
Encalhar o pirata sonhador
Navegante de mares mortos
Do meu consciente porto inseguro

Ondas fortes emergiam

Num arrebatar sonoro

Lançando mariscos na praia

Do meu consciente porto inseguro

Na cadêncie de velho barco

A lúa testemunha ocular

Dos meus conflitos e desenganos

Se fez indiferente, traçando rotas

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

alegria

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Contrariando meus desejos
Nasce o poema que eu não queria
Do alto, o luar espia
Cobrando-me mensagens de

Cartas

Somerville, 7 de julho de 1993

Caro Nelson Pantoja

Grato pela remessa do DF-Letras (nº 5). A edição comemorativa do 3º aniversário de Brasília trouxe a minha memória fatos que tive a alegria de viver, a partir de 1960, como participante da inesquecível "Marcha para o Oeste".

Estou apenas passando alguns meses com familiares residentes na Grande Boston, e logo estarei de volta.

A você e à equipe do belo suplemento que tanto honra nossa cidade, os mais fraternais abraços do Joani de Oliveira

31 Avon ST. AP 1 Somerville, MA 02145 - EUA

■ ■ ■

Santa Maria, 1º de julho de 1993.

Urnho por intermédio deste, solicitar nessa do Jornal DF LETRAS, sa- lientando o apreço que tenho por este.

Certo de sua atenção.

Atenciosamente,

Liliane Ercolani Jornada

Rua: Cel. Niederauer Nº 1424 Aptº 102 Tel. (055) 221-6073

Santa Maria - R.S

CEP - 97015-122

Profissão: Professora e aluna do cur- so de pós-graduação em nível de espe- cialização em História do Brasil — Uni- versidade Federal de Santa Maria

Santa Maria — RS.

■ ■ ■

Guruji/TO; 28 de junho de 1993.

Solicito de V.S.ªs o envio desse valo- e importante suplemento, para meu deleite e enriquecimento cultural.

Dados para assinatura:

1) Nome: Antônio Gonçalves da Costa Neto

2) Profissão: servidor público estadual

3) Endereço: Caixa Postal, 114

77402-970 Gurupi/TO.

4) Telefone: (063) 851-1049 — profissi- onal.

Atendendo agradecimentos, na oportunidade apresento a V.S.ªs eleva- dos protestos de consideração e apreço.

Atenciosamente,

ANTÔNIO GONÇALVES DA COSTA

NETO

■ ■ ■

Tendo tomado conhecimento da pu- blicação do periódico DF Letras, solici- to informações de como proceder para assiná-lo.

Sei mais para o momento, anteci- padamente agradeço.

Atenciosamente

Davi Guilherme Gaspar Ruas

Rua Argemiro Luiz Cagnin, 373

13600-000 - ARARAS-SP

Porto Alegre, 20 de setembro de 1.993.

Ilmº Srº

Nelson Pantoja

Editor Geral de

"DF - Letras"

BRASÍLIA - DF

Prezados Senhores.

Venho agradecer aos exemplares re- cibidos do Suplemento Cultural edita- do por essa Câmara Legislativa do DF e cumprimentá-los pelo elevado nível técnico alcançado.

Outrossim, aproveito para comuni- car a V.S.ªs, que no corrente ano, às 17h do dia 05 de maio, foi lançado com o apoio da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, o livro

7 | 0 | 0 | 8 | 6 | 8 | 0 | 0

"CONVERSANDO" em verso e prosa, co-autoria de Alceu Bicca (poemas) e João Flores (contos).

O lançamento foi realizado no **Solar da Câmara**, local reservado para ex- posição de pinturas, de esculturas e de fotografias, também, realiza com regu- laridade Sarau musical. A casa é des- tinada à cultura, sendo bem próprio da Assembleia Legislativa.

"CONVERSANDO" teve o privilé- gio de ser o primeiro livro lançado no local e seu autores se orgulham de se- rem saudados pelo presidente do Legis- lativo gaúcho, deputado Renan Kurtz. Aproveitamos a oportunidade para enviar um exemplar da obra e, tam- bém, retrato da solenidade mostrando o momento histórico do lançamento.

Sem mais, firmo-me

Atenciosamente

Alceu Bicca

■ ■ ■

Distanteresina, 31 julho 1993.

Paulo Bertran.

■ ■ ■

Agradeço o envio costumeiro do DF LETRAS. A necessária publicação cul- tural de Brasília que transforma essa "cidade" seca em um punhado de boas palavras.

Com este suplemento é possível uma viagem no tempo de Brasília, e espelha com dignidade o fortalecimento e a cri- atividade dos que resolveram concen- trar-se no Planalto Central e nele fiz- ram sua morada. Que extraordinários mergulhos, por exemplo, o artigo do Luis Carlos Lopes sobre o PROJETO BRASÍLIA. "Modernidade e História", no nº 3, de janeiro, do corrente. Memó- ria do Planalto, do Ramir Curado, e a magnifica poesia do Cassiano Nunes.

Um grande abraço,

Ruberbam Du Nascimento

Teresina-64001-970

■ ■ ■

Ao editor

do DF Letras

Brasília, 02 de agosto de 1993

Gostaria de saber da possibilidade de receber a excelente publicação desta Casa, o DF Letras. Informo desde já meu endereço para remessa ou para quaisquer outras informações que se façam necessárias.

Antecipo meus agradecimentos ao tempo em que apresento cumprimen- tos pela iniciativa e qualidade daquele informativo.

Atenciosamente,

Rita de Cássia Ramos Gomes

Endereço

SDS-Conjunto Baracat-sala 507

70392-900 Brasília-DF

■ ■ ■

Aracatuba-SP

05 de Abril de 1993.

AO

DF LETRAS

Câmara Legislativa do Distrito Federal

BRASÍLIA - DF

Prezados(as) Senhores(as):

Tomei conhecimento da publicação, "DF LETRAS" através do (a) D.O. LETRAS, S. Paulo, 11130) março de 93. Gostaria de poder conhecer melhor a publicação, razão pela qual, solicito maiores informações a respeito, e, se possível, gostaria de receber um exemplar que seria a melhor maneira de conhecê-la.

Sem mais para o momento, antecipo o agra- decimento e subscrevo.

Cordialmente:

KAZUO ISSAYAMA

Caixa Postal 1565

16001-970, ARAÇATUBA - SP

BRASÍLIA, 23 de agosto de 1993.

EXM. Dep. ROSEMARY MIRANDA.

Gostaria que me fosse concedido uma assinatura do JORNAL DF LETRAS, pois quando o leio, é emprestado de outros assinantes, como tenho interesse nos assuntos publicados por esse jornal, ficaria muito agradecido se viesse a ser contemplado com uma assinatura, antecipadamente agrade-

JOVANI TIMO

END: AR 04 Conj. 06 Casa 20 - Telefone 591-8580 - Feira Modelo de Sobradinho - 591-1153 R/239 - CEP 73000-000





Pedreiras de Agulhas Negras,
monólitos de granito,
cavernas misteriosas
do Diabo, do Petar
grotões da Serra do Mar.
E assim na minha terra
nos altos da Mantiqueira,
no Raso da Catarina,
nos Aparados da Serra,
no araripe, Apodi,
no maciço da Bocaina,
divisa do Pacaraima.

Vastos platôs da Chapada,
cerrados do Centro-Oeste
cobertos de pequiseiros
veredas e buritis,
Nos serões, os catingueiros,
mandacarus, cajeirois...
Lagos, dunas maranhenses,
Pampas, fáleias, restingas,
Ilhas, praias desertas, extranhas,
de Trindade, do Arol,
de Fernando de Noronha.

Amazônia. Amazonas!...
Cenário quase catárhee:
orquídeas, bromeliáceas,
aranhas, plantas no cio,

Ao longo da Mata Atlântica,
jequitibás, jatobás
confundem suas figuras
com mangos, jacarandas,
sucupiras, sucuris,
macacos, cipós do mato,
begônias e trepadeiras,
embauás, bananeiras,
jambo, jacas, pitangueiras,
lobroços, maracujás,
papagaios, periquitos
e o gato maracajá.

pacus, botos, tucunarés.
Besouros e lepidópteras
voam sobre cascatas,
igapós, igarapés
cobertos de ninfeáceas,
parasitas, samambaias
no Jari, no Mapiá,
Araguaia, Jurua.

O vigor das grandes ávores,
a biodiversidade,
as cores dessa Hileia:

verde escuro, amarelado,
caneças, arrocheados,
vermelhos bem deslumbrados.
No coração desse reino
de excentricos animais,
vegetais exuberantes,
fluí o ouro, a hematita
turnalinas, diamantes
e muitas águas termais.

Ao longo da Mata Atlântica,
jequitibás, jatobás
confundem suas figuras
com mangos, jacarandas,
sucupiras, sucuris,
macacos, cipós do mato,
begônias e trepadeiras,
embauás, bananeiras,
jambo, jacas, pitangueiras,
lobroços, maracujás,
papagaios, periquitos
e o gato maracajá.

caneças, arrocheados,
vermelhos bem deslumbrados.
No coração desse reino
de excentricos animais,
vegetais exuberantes,
fluí o ouro, a hematita
turnalinas, diamantes
e muitas águas termais.

Falsos uiracís
convivem, no Pantanal,
com garças e tuiuiús,
piranhas e jacaréns,
capivaras, caetetus.
Lá, o veado campeiro
cohabita com a panthera
esfaimada, ameaçada,
que ronca no matareu,
à busca do seu abrigo,
que virou algum curral,
ou então arranha-céu.

Ao longo da Mata Atlântica,
jequitibás, jatobás
confundem suas figuras
com mangos, jacarandas,
sucupiras, sucuris,
macacos, cipós do mato,
begônias e trepadeiras,
embauás, bananeiras,
jambo, jacas, pitangueiras,
lobroços, maracujás,
papagaios, periquitos
e o gato maracajá.

Falsos uiracís
convivem, no Pantanal,
com garças e tuiuiús,
piranhas e jacaréns,
capivaras, caetetus.
Lá, o veado campeiro
cohabita com a panthera
esfaimada, ameaçada,
que ronca no matareu,
à busca do seu abrigo,
que virou algum curral,
ou então arranha-céu.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Falsos uiracís
convivem, no Pantanal,
com garças e tuiuiús,
piranhas e jacaréns,
capivaras, caetetus.
Lá, o veado campeiro
cohabita com a panthera
esfaimada, ameaçada,
que ronca no matareu,
à busca do seu abrigo,
que virou algum curral,
ou então arranha-céu.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do jaburú,
o clangor da araponga,
batukê do pica-pau,
coaxo de cururu,
chocalho de cascavé,
o canto do uiapuri.

Para o homem da cidade,
tudo, e mais, é novidade:
o topete do carcará
o azul real da arara,
rabo de tamanduá,
abelha fazendo mel,
o papo do